

VICENTE DE CARVALHO

POEMAS

E

CANÇÕES

1908

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A' poetisa gentilissima
p. Zalina Rolim de Toledo

com as respectivas homenagens de

Vicente-ofarrell

S Paulo - Novembro - 1908

POEMAS

E

CANÇÕES

unbelle

◦ ◦ SÃO PAULO ◦
CARDOZO, FILHO & C.
◦ RUA DIREITA, 35 ◦

VICENTE DE CARVALHO

POEMAS

e

CANÇÕES

1908

ANTES DOS VERSOS

Aos que se surprehenderem de ver a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profissão de numeros e diagrammas. E' illusorio o rigorismo mathematico imposto pelo criterio vulgar ás formas irreductiveis da verdade. Baste attender-se em que o objectivo das nossas vistas theoreticas está no descobrir uma simplicidade que não existe na natureza; e que desta nos abeiramos, sempre indecisos, já tacteantes, por meio de aproximações successivas, já precipitadamente, fascinados pela miragem das hypotheses. A propria unidade das nossas mais abstractas construcções é enganadora. Nos ultimos trinta annos — nesta mathematica tão, ao parecer, definitiva — idearam-se não sei quantas algebras, atravez de complicados symbolismos; e o numero de geometrias elementares, como nol-o mostra H. Poincaré, é hoje, logicamente, incalculavel. Ainda mais: na mesma geometria classica sabe-se como se definem pontos, rectas e planos, que não existem, ou se reduzem a conceitos pre-estabelecidos sobre que se formulam postulados arbitrarios. Continuando: vemos a mecanica basear-se, paradoxalmente, no principio da inercia universal, e instituir a noção idealista do espaço absoluto, em contradicção com tudo quanto vemos e sentimos.

Dest'arte se constróe uma natureza ideal sobre a natureza tangivel. Illude-se a nossa incompetencia para abranger a simultaneidade do que apparece, por meio de processos varios nos nomes pretenciosos, mas na essencia perfectamente artisticos, porque consistem em exaggerar os caracteres dominantes dos factos, de modo a facultar-nos uma synthese, mostrando-nol-os menos como elles são do que como deveram ser. Assim nós vamos — idealisando, conjecturando, devaneando. Na astronomia resumem-se as leis conhecidas menos imperfeitas; no entanto á medida que ella encadeia os mundos, vai libertando-nos a imaginação. Os mais duros experimentadores sonham neste momento aos clarões indecisos das nebulosas, vendo abrir-se em cada estrella incandescente um vasto

laboratorio onde trabalham os chimicos da terra descobrindo surprehendedentes aspectos da materia... Prosequimos, idealizando flagrantemente a physica, com a estructura subjectiva de sólidos e fluidos perfectos, e sistemas isolados, e até singularissimos fios inextensiveis, de todo em todo inexistentes; e romanceando a chimica, definida pelo symbolsimo imaginoso da architectura atomica de seus corpos simples, irreaes.

Até que na physico-chimica, recém instituida e já intensamente illuminada pela percepção transubstancial dos raios X, admittamos todas as utopias do mysticismo transcendental dos alchimistas, e não nos maravilhemos de que os pensadores mais robustos estonteiem e delirem como fakirs esmaniados, vendo, improvisamente, resplandecer no radium a alma misteriosa da materia...

Assim nos andamos nós—do realismo para o sonho, e deste para aquelle, na oscillação perpetua das duvidas, sem que se possa differençar na obscura zona neutral alongada á beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza a realidade, do naturalista que tactea o misterio.

Apeamo-nos então, acobardados, dessas presumptuosas cogitações. Encouchamo-nos, timidos, no esconderijo de uma especialidade. Constringimos a alma. Moralizamos razamente a vida, evitando a grande embriaguez dyonisiã da Vida. Renuimos ás phantasias perigosas: utilitizamos-nos... E ao cabo de tamanho esforço, para descermos até ao fastigio do massiço senso comum conservador e timorato — vemos com espanto, que mesmo no terra á terra da actividade profissional, todas as asperezas das nossas formulas empiricas e os traços rigorosos dos tira-linhas ainda se nos sobredoiram de um recalcitrante idealismo:

No pedaço de carvão de pedra, que accendemos na fornalha de uma locomotiva, reaccendemos muitos raios de sol extinctos ha milennios. A locomotiva parte, e não concretiza apenas o mytho poetico de Phaetonte. O que mais nos encanta é a imagem fulgurante da Força, renascendo e restaurando ao mesmo passo os esplendores de tantas auroras apagadas...

Pelas vigas metallicas de nossas pontes, friamente calculadas, estiram-se as « curvas dos momentos », que nos embridam as fragilidades traçoceiras do ferro. E ninguem as vê, porque são ideaes. Calculamol-as; medimol-as; desenhamol-as — e não existem...

E assim por deante — indifinidamente, em tudo o que fazemos e em tudo o que pensamos, ainda quando lançados na trilha heroica da profissão vamos pulsar no deserto as dificuldades e os perigos... Porque quando nos vamos pelos sertões em fora, num reconhecimento penoso, verificamos, encantados, que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os illuminados: olhos postos nos céos, contrafazendo a lyra, que elles já não usam, com o sextante, que nos trans-

mitte a harmonia silenciosa das espheras, e seguindo no deserto, como os poetas seguem na existencia,

... a ouvir estrellas!

Vêde quanto é falso o prejuizo da esterilidade das cousas positivas. Em pleno criterio determinista somos talvez mais sonhadores do que nos tempos em que ao ingenuo finalismo theologico bastavam duas syllabas para descrever as maravilhas da Creação. Numa intimidade mais profunda com o mundo exterior, a nossa idealisação augmenta de um modo quasi mecanico. Estira-se-nos na visão deslumbrada. Alarga-se-nos nos novos quadros reveladores das imagens infinitas da natureza. E á medida que se nos torna mais claro o sentimento das energias creadoras que nos circulam, e vai eliminando-se do nosso espirito o velho espantallo da *discordia dos elementos*, de que tanto se apraziam os deuses vagabundos, e nos sentimos mais equilibrados, mais fortes, mais solidarios com a harmonia natural — maior se torna a fonte inspiradora do nosso idealismo fortalecido por impressões mais dignas da magestade da vida.

Se tivéssemos duvidas a este respeito, nol-as dissiparia o proprio espectáculo da ultima phase revolucionaria da poesia contemporanea, caracterizada pelo contraste entre a decadencia dos que a falseiam e a expansão crescente do sentimento esthetico da humanidade. Realmente, o que se afigura a tantos prophetas agourentos a morte proxima da poesia, é a demonstração *ad absurdum* da sua vitalidade mais ampla. Troca-se o effeito pela causa. Nas varias escolas esporadicas—que vão do parnasianismo, com a idiotice de seu culto fetichista da forma, ao symbolismo, com a loucura de suas idéas exaggeradamente subjectivas—o que parece a decadencia da poesia é apenas o desequeilibrio e as emoções falsificadas dos que não podem mais comprehendel-a na altitude a que chegou o nosso pensamento. Considerando-se, de relance, apenas um dos extremos dessa longa cadeia de agitados—não seria difficil mostrar no desvio ideativo de Mallarmé, ou Verlaine, como outr'ora no satanismo de Baudelaire, os gritos desfallecidos de todos os fracos irritaveis, reconhecendo-se inaptos para entenderem a vida numa quadra em que o progresso das sciencias naturaes, interpretadas pelo evolucionismo, reage sobre tudo e tudo transfigura, desde a ordem politica, onde se instaura o predominio economico dos povos mais activos, glorificados na inspiração prodigiosa de Rudyard Kipling, até á philosophia moral, onde se alevanta a aristocracia definitiva do homem forte, lobrigado pela visão estonteadora do genio de Frederico Nietsch. Então veriamos, máo grado as blasphemias de tanto verso convulsivo, como um falso scepticismo pode significar a ultima tentativa da retrograda explicação deista do universo. Os «poetas malditos», que nos fazem rir com o truanesco de

suas visagens, são apenas ignorantes. A descrença nasce-lhes da inviabilidade da crença. São almas velhas onde se accumulam as influencias ancestraes mantidas pela hereditariedade; e ainda quando se fingem de demonios agitam-nos aos olhos o espectro da antiga fé agonizante. E fallam-nos naturalmente numa lingua morta, de retardatarios, em estrophes onde os traços de degenerescencia resultam sobretudo da incompatibilidade com os novos ideaes.

Baudelaire, entre os desconchavos de seu barbaro mysticismo, teve, certa vez, um lance genial, ao definir-se

...un cimetière,
Oí, comme des remords, se traînent des longs vers...

Symbolo perfeito dessas organizações retrogradas, de *revenants*, a resuscitarem num periodo avantajado da existencia humana e para logo invadidos do desespero de já não sentirem o amparo das antigas verdades absolutas, que os alentavam outr'ora, nos remotos tempos de onde saltam por atavismo—claudicantes no rythmo dos versos—para nos entristecerem com as suas queixas de almas doentes da nostalgia do sobrenatural. Porque o quadro que defrontam é outro. Encontram os céos mais azues, depois das induções de Tyndall; a terra mais vivaz, depois das generalizações de Lyell, evolvendo e transfigurando-se como um maravilhoso organismo. Para abarcar a vida, ou realizar a synthese de seus aspectos, já não basta o extasis, ou a genuflexão admirativa, senão a solidariedade de suas leis com a nossa harmonia moral, de modo que, submettidos á unidade do universo, sejamos cada vez mais a propria miniatura delle, e possamos traduzil-o sem falsifical-o, embora o envolvamos nos véus symbolicos da mais ardente phantazia. «Nesta altura todas as perspectivas particulares se fundem. O homem não é—isoladamente—artista, poeta, sabio ou philosopho. Deve ser de algum modo tudo isto a um tempo, porque a natureza é integra» (1).

A phrase é de um naturalista. Mas vê-se que ella reproduz, hoje, transcorrido um seculo de actividade intellectual, quasi litteralmente, o idealismo philosophico de Ficht. E' comprehensivel. E della se deduz que nessa aproximação crescente entre a realidade tangivel e a phantazia creadora, o poeta, continuadamente mais proximo do pensador, vai cada vez mais reflectindo no rythmo de seus versos a vibração da vida universal, cada vez mais fortalecido por um largo sentimento da natureza.

* *

Ora, o que para logo se destaca nos «Poemas e Canções», alentando o subjectivismo equilibrado de um verdadeiro poeta, é um grande

P. Van Thiegem. *Le sentiment de la nature.*

sentimento da natureza. O amor, considera-o Vicente de Carvalho como elle é, positivamente: um caso particular da sympathia universal. E tal como nol-o apresenta

... *risonho e sem cuidados,*
Muito de altivo, um tanto de insolente

diz-nos bem que na sua forma commum, physiologica e rudimentar, de um egoismo a dois, elle não lhe traduz uma condição primaria do sentimento, escravo de uma preocupação morbida e humilhante, senão um bello pretexto para resumir num objecto, em harmonioso syncretismo, os attributos encantadores da vida. O poeta diviniza a mulher, como o estatuario diviniza um pedaço de marmore: pela necessidade anciosissima de uma synthese do maior numero possivel de bellezas infinitas que lhe tumultuam em torno. Neste lance poderíamos applicar-lhe a phrase pinturesca de Stanchwith: «Não podendo apertar a mão desse gigante que se chama Universo, nem dar um beijo apaixonado na Natureza, resume-os num exemplar da humanidade.»

Por isto mesmo não se apouca limitando-se a essa redução graciosa. Para aformozear o seu symbolo, dá largas á expansão centrifuga da individualidade transbordante. E em tanta maneira se lhe impõem as escapadas para a amplitude do mundo objectivo, onde se lhe deparam as melhores imagens e as mais radiosas allegorias, que nos diz em alexandrinos correntios o que hoje lenos em paginas austeras de gravissimos psychophysiologistas, quando attribue todo o seu culto

A' doce Religião da Natureza amiga,

a uma alma remota que as enerigas profundas do atavismo lhe despertam, predispondo-o ao nomadismo aventureiro de algum avô selvagem

Algum bugre feroz, cujo corpo bronzeado
Mantinha a liberdade inata da nudez.

Ao contrario, eu penso que alma antiga não sentiria esta atracção da grande natureza, que domina a poesia moderna. Entre a concepção estreitamente classica da vida rustica, das *Georgicas*, e o nosso esplendido lyrismo naturalista ha differenças tão flagrantes que fôra inutil indical-as. O movimento actual para os grandes quadros objectivos, á parte outras causas mais profundas, desponta-nos como uma reacção do nosso sentimento, a crescer, parallelamente, com o proprio rigorismo pratico da vida. Esse fugir ao racionalismo secco das cidades, que até geometricamente se nos desenha nas ruas rectangulares, nos quadrados

das praças, nos angulos diedros das esquinas, nas pyramides dos tectos, nos polyedros das casas, nos parallelipedos dos calçamentos e nas ellipses dos canteiros, onde é tudo claro, mathematico, comprehensivel, e as intelligencias se nivelam na evidencia de tudo, e as vistas se fatigam na repetição das formas e das côres, e os ouvidos se fatigam no martellar monotono dos sons, e a alma se fatiga na invariabilidade das impressões e dos motivos—vai se tornando a mais e mais imperioso, á medida que a civilisação progride. O povo mais pratico e mais lucido do mundo, é o que por elle mais irradia á caça do pinturesco. Não ha neste momento em Chamounnix ou num rincão qualquer da Africa Central, nenhuma pagina vigorosa da natureza onde se não veja, rijamente impertigado, um ponto de admiração: o inglez!

Alem disto, só o pensamento actual pode animar a alma misteriosa das cousas, num consorcio, que é a definição da verdadeira arte. O nosso selvagem

*Que dormia tranquilo um somno descuidado,
Passivo, indifferente, enfarado talvez
Sob o misterio azul do céu todo estrelado,*

passaria mil annos sobre a Serra do Mar

*Negra, imensa, disforme,
Enegrecendo a noite...*

indifferente e inutil.

Para nol-a definir, e nol-a agitar sem abandonar a realidade, mostrando-nol-a vivamente monstruosa, a arrepiar-se, a torcer-se nas anticlinaes, encolhendo-se nos valles, tombando nos grotões, ou escalando as alturas nos arrancos dos pincaros arremessados, requer-se a intuição superior de um poeta capaz de ampliar, sem a deformar, uma verdade rijamente geologica, reflectindo num minuto a marcha millenaria das causas geotectonicas que a explicam. Vemol-a na esculptura destes versos:

*Na sombra em confusão do mato farfalhante
Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo.
Trepá agora alcantis por escarpas a prumo,
Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios;
Mais repousado, alem, levemente se enruga
Na crespá ondulação de comoros macios;
Resvala num declive; e logo, como em fuga
Precipite, atravez da escuridão nocturna,
Despenha-se de chofre ao vacuo de uma furna.*

*Do fundo dos grotões outra vez se subleva,
Surge, recai, resurge... E, assim, como em torrente,
Fúriosa, em convulsões, vai rolando na treva
Despedaçadamente e indefinidamente.*

E' a realidade maior—vibrando numa emoção. Este chão que tumultua, e corre, e foge, e se crispa, e cae, e se alevanta, é o mesmo chão que o geologo denomina « solo perturbado » e inspira á rasa, á modesta, á chanissima topographia, a metaphora garbosa dos « movimentos do terreno. »

A mesma harmonia de sua visão interior com o mundo externo rebrilha, quando o poeta observa que o mar

*...brutal e impuro,
Branco de espuma, ébrio de amor,
Tenta despir o seio duro
E virginal da terra em flôr.*

*Debalde a terra em flôr, com o fito
De lhe escapar, se esconde, e aneia
Atraz de comoros de areia
E de penhascos de granito.*

*No encalço dessa esquiva amante
Que se lhe furta, segue o mar;
Segue, e as maretas solta adeante
Como matilha, a farejar*

*E, achado o rastro, vai com as suas
Ondas e a sua espumarada
Lamber, na terra devastada,
Barrancos nús e rochas nús...*

Idealisação... Mas, evidentemente quem quer que se alarme ante este mar perseguidor e esta terra profuga, riscará os melhores capitulos da geologia dinamica. E os que fecharem as vistas á esplendida imagem daquella matilha de maretas, certo, não poderão contemplar a « artilharia » de seixos e graieiros, do illustre Playfair, a bombardear arribas, desmontando-as, disjungindo-as, solapando-as, derruindo-as, e esfarelado-as—seguida logo da « cavallaria das vagas » de Granville Cole, a curvetejar nos rolos das ondulações banzeiras, a empinar-se nas ondas desbridadas, a entrechocar-se nas arrebentações, a torvelinhar no entrevero dos redomoinhos; e de subito disparando—longos penachos

brancos dos elmos rebrilhantes destendidos na diluição das espumas —
numa carga, em linha, violentissima, sobre os littoraes desmantellados ;
de modo que o littoral desmantellado se nos apresente,

like a regiment overwhelmed by cavalry. (2)

Considerai: esta phrase, que se desentranha da arida prosa de
um livro didactico, resôa, refulge, canta. E' um verso. Prende o
sonhador e o cientista deante da idealisação tangivel de um expressivo
gesto da natureza.

Mais longe, quando o poeta escuta a grande voz do mar, «que-
brada de onda em onda», fazendo á lua uma declaração de amôr, que
seria apenas um ridiculo exagero pantheista, se não fosse um pouco
desse infinito amor que se chama gravitação universal; quando o mar
exclama:

*«Lua! Eu sou a paixão, eu sou a vida, eu te amo!
Paira, longe, no céu, desdenhosa rainha...
Que importa? O tempo é vasto, e tu, bem que eu reclamo,
Um dia serás minha...»*

*Ha mil anos que vivo a terra suprimindo.
Heide romper-lhe a crosta e cavar-lhe as entranhas
Dentro de vagalhões penhascos submergindo,
Submergindo montanhas...*

esta voz monstruosamente romantica, do mar, é a mesma voz de Geike,
ou de Lapparent, e diz uma alta verdade de sciencia, deante do agente
physico cujo destino logico, pelo curso indefinido dos tempos, é o
nivelamento da terra.

Tambem ao descrever-nos um recanto labyrinthico de nossas
mattas,

*Cem especies formando a trama de uma sebe,
Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe
Da floresta, oprimida e em perpetuo levante,*

e mostrando-nos que

*Acesa num furor de seiva transbordante
Toda essa multidão desgrenhada — fundida
Como a conflagração de cem tribus selvagens
Em batalha— a agitar cem fôrmas de folhagens
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida,*

(2) Granville Cole—*Geology out-of-door.*

e attentando-se no quanto á plethora tropical, ou uma sorte de congestão da seiva, alenta e ao mesmo passo sacrifica em nossa terra o desenvolvimento vegetativo, creando-se o tremendo paradoxo da floresta que mata a arvore, ou redul-a ao arbusculo que fôge á compressão dos troncos escapando-se na distenção esquiva do cipó, a desfibrar-se e a estírar-se, angustiosamente, na procura anciosissima da luz— avalia-se bem o brilho daquella synthese commovente, embora seja ella rigorosamente positiva em todos os elementos de sua estructura artistica.

Digamos, porém, desde logo, que em todo este lucido pantheismo não é a floresta e a montanha que mais attraem o poeta. E' o mar. A Vicente de Carvalho não lhe basta o pintar-nos

*...o mar creado ás soltas
Na solidão, e cuja vida
Corre, agitada e desabrida,
Em turbilhões de ondas revoltas...*

ou quando elle, tempesteiando,

*A uivar, a uivar dentro da sombra
Nas fundas noutes da procella*

braceja com os ventos desabalados, e, recebendo de instante em instante a

cutilada de um corisco,

rebella-se, e

*impando de ousadia
Pragueja, insulta, desafia
O céo, cuspiendo-lhe a salsugem...*

Apraz-se antes de nol-o mostrar, nas «Sugestões do Crepusculo», com a melancolia soberana que por vezes o invade e lhe torna mais comprehensivel a grandeza, no vasto nivelamento das grandes aguas tranquillias, onde se nos dilata de algum modo a impressão visual da impressão interior e vaga do Infinito...

Porque

*Ao pôr do sol, pela tristeza
Da meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma reza
A voz do mar.*

*Augmenta, alastra e desce pelas
Rampas dos morros, pouco a pouco,
O ermo de sombra, vago e oco,
Do céu sem sol e sem estrellas.*

*Tudo amortece, e a tudo invade
Uma fadiga, um desconforto,
Como a infeliz serenidade
Do embaciado olhar de um morto.*

*Domado então por um instante
Da singular melancolia
De emtorno, apenas balbucia
A voz piedosa do gigante.*

*Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar?*

*Escutem bem... Quando entardece,
Na meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma prece
A voz tristissima do mar...*

Fôra impossível citar tudo prolongando a tortura do contraste entre estas phrases duras e a flexibilidade desses versos, nos quaes o metro parece nascer ao compasso da systole e da dyastole do coração de quem os recita.

Alem disto, alguns delles, mercê da unidade perfeita, não se podem mutilar em extractos. Nas “Palavras ao Mar”, aquella identidade, anteriormente alludida, da nossa harmonia moral com a do Universo refulge num dos mais breves e maiores poemas que ainda se escreveram na lingua portugueza, para se definir o perpetuo aneio do ideal deante das magias crescentes da existencia.

Em « Fugindo ao Captiveiro » — epopéa que se lê num quarto d’hora — a mesma estrutura inteiriça torna inviolavel a concepção artistica

Digamos, entretanto, de passagem, que aquella miniatura shakspeareana da ultima phase da escravidão em nosso paiz, absolverá completamente, deante da posteridade, a nossa geração, das culpas ou peccados que acaso lhe adviriam de uma dolorosa fatalidade social. Ve-se-á, pelo menos, que as emoções estheticas, tão essenciaes a todas as trans-

formações verdadeiramente politicas, não as fomos buscar somente, já elaboradas, na alma da geração anterior, decorando, e recitando, exaustivamente, as estrophes eternas das «Vozes d'Africa» e do «Navio Negro.» Sentimol-as, bem nossas, a irromperem dos quadros envolventes. A' immensa desventura do africano abatido pelo traficante, contrapuzemos a rebentina do crioulo revoltado. Vicente de Carvalho agarrou, num lance magnifico, a unica situação heroica e fugaz—durando o que durou o relampago da fouce coruscante brandida por um hercules negro — de uma raça humilhada e sucumbida.

E ainda nesse trecho, com a amplitude e o desafoço da sua visão admiravel, associou ao dramatico itinerario do exodo da turba miseranda e divinizada pelo sonho da liberdade, a natureza inteira — do oceano longiquo, apenas advinhado dos pincaros da serra, á montanha abrupta abrolhando em estrepes e calhaos, ás collinas que se idealizam azulando-se com as distancias, e á floresta, referta de rumores e gorgeios, onde

*Os velhos troncos, placidos ermitas,
Os proprios troncos velhos, remoçados,
Riêm no riso em flôr das parasitas.*

...imagem, encantadora na sua bellissima simplicidade, que se emparelha com as mais radiosas. engehadas por toda a poesia humana.

* * *

Quero cerrar com ella todos os conceitos vacillantemente expostos.

Que outros definam o lyrico gentilissimo da «Rosa, rosa de Amor». a inspiração piedosa e casta do «Pequenino Morto», ou os sonetos, onde, tão antigos themas se remoçam.

De mim, satisfaço-me com haver tentado definir o grande poeta naturalista, que nobilita o meu tempo e a minha terra.

Euclydes da Cunha.

Rio—30 de Setembro de 1908.

VELHO TEMA

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existencia, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz anciosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Arvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não n'a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

Eu cantarei de amor tão fortemente
Com tal celeuma e com tamanhos brados
Que afinal teus ouvidos, dominados,
Hão de á força escutar quanto eu sustente.

Quero que meu amor se te apresente
---Não andrajoso e mendigando agrados,
Mas tal como é: risonho e sem cuidados,
Muito de altivo, um tanto de insolente.

Nem ele mais a desejar se atreve
Do que merece: eu te amo, e o meu desejo
Apenas cobra um bem que se me deve.

Clamo, e não gemo; avanço, e não rastejo;
E vou de olhos enxutos e alma leve
A' galharda conquista do teu beijo.

Belas, airosas, palidas, altivas,
Como tu mesma, outras mulheres vejo:
São rainhas, e segue-as num cortejo
Extensa multidão de almas captivas.

Tem a alvura do marmore: lascivas
Formas; os labios feitos para o beijo;
E indiferente e desdenhoso as vejo
Belas, airosas, palidas, altivas...

Porque? Porque lhes falta a todas elas,
Mesmo ás que são mais puras e mais belas,
Um detalhe subtil, um quasi nada:

Falta-lhes a paixão que em mim te exalta
E entre os encantos de que brilham, falta
O vago encanto da mulher amada.

Eu não espero o bem que mais desejo:
Sou condemnado, e disso convencido;
Vossas palavras, com que sou punido,
São penas e verdades de sobejo.

O que dizeis é mal muito sabido,
Pois nem se esconde nem procura ensejo,
E anda á vista naquilo que mais vejo:
Em vosso olhar, severo ou distraido.

Tudo quanto afirmais eu mesmo alego:
Ao meu amor desamparado e triste
Toda a esperança de alcançar-vos nego.

Digo-lhe quanto sei, mas ele insiste;
Conto-lhe o mal que vejo, e ele que é cego
Põe-se a sonhar o bem que não existe.

« Alma serena e casta, que eu persigo
Com o meu sonho de amor e de pecado,
Abençoado seja, abençoado
O rigor que te salva e é meu castigo.

Assim desvies sempre do meu lado
Os teus olhos; nem ouças o que eu digo;
E assim possa morrer, morrer comigo,
Este amor criminoso e condenado.

Sê sempre pura! Eu com denodo engeito
Uma ventura obtida com teu damno,
Bem meu que de teus males fosse feito. »

Assim penso, assim quero, assim me engano...
Como si não sentisse que em meu peito
Pulsa o covarde coração humano.

« Lembra »! diz-me o passado: « Eu sou a aurora
E a primavera, o olhar que se enamora
De quanto vê pelo caminho em flor;
Para o teu coração cançado e triste
E' recordar-me — o unico bem que existe...
Eu sou a mocidade, eu sou o amor.»

« Vive! » diz-me o presente. « Alma suicida,
Louca, não peças á arvore da vida
Mais que os amargos frutos que ela tem;
Deixa a saudade e foge da esperança,
Faze do pouco que teu braço alcança
O teu mesquinho, o teu unico bem.»

«Sonha!» diz-me o futuro: «o sonho é tudo,
Eu sobre as tuas palpebras sacudo
A poeira da ilusão!... sonha, e bemdiz!
Eu sou o unico bem porque te engano,
E o desgraçado coração humano
Só com o que não possui é que é feliz.»

Eu ouço os trez, e calo-me: desisto
De quanto me prometem, porque nisto
Todos se enganam, todos, menos eu:
Beijo dos labios da mulher amada,
O unico bem és tu! Nem ha mais nada...
E tu és de outro, e nunca serás meu!

FANTASIAS DO LUAR

Entre nuvens esgarçadas
No ceu pedrento fluctua
A triste, a palida lua
Das baladas.

Frouxo luar sugestivo
Contagia a natureza
Como de um ar de tristeza
Sem motivo.

Tem vagos tons de miragem,
De um desenho sem sentido,
O conjunto descosido
Da paizagem.

A apagada fantazia
Do colorido — parece
De um pintor que padecesse
De miopia.

Tudo, tudo quanto existe
Extravaga, e se afigura
Tomado de uma loucura
Mansa e triste.

O longo perfil do Monte
— Como um rio de agua verde —
Corre ondulando, e se perde
No horizonte.

E sobre essa imaginaria
Turva corrente, projeta
A alva igreja a sua seta
Solitaria.

Assim, de um ermo barranco
A garça alonga no rio
O seu vulto, muito branco,
Muito esguio.

Sonha, imóvel... E acredito
Que de subito desperte
Aquele fantasma inerte
De granito.

Dorme talvez... Qualquer cousã
No seu somno se disfarça
De aza encolhida de garça
Que repousa;

E eu cuido vê-la, a cada hora,
Animar-se; e de repente
Subir socegradamente
Ceú a fóra...



Ha um lirismo disperso
Nos ares... O proprio vento
Esse bronco, esse praguento,
Fala em verso;

Voz forte, bruscas maneiras,
Pela boca pondo os bófes,
O vento improvisa estrófes
Condoreiras.

Beijam-se as frondes, arrulam,
Trocam afagos, promessas...
E as arvores secas, essas
Gesticulam.

Gesticulam, como espectros,
No vácuo, tentando abraços
Com seus descarnados braços
De dez metros.

Algum trovador de esquina
Canta a paixão que o devora;
E a sua voz geme, chora,
Desafina.

Ao longe um éco repete
O canto, frase por frase,
Em tom abrandado, quase
Sem falsete.

Tem o aspecto apalaçado
Da pedra cara e macissa
O muro, em simples calíça,
De um sobrado.

Nem castelã falta a esse
Castelo: na luz da lua,
Branca, airosa, semi-nua,
Resplandece,

Numa pose pitoresca
De romance ou de aquarela,
A burgueza que á janela
Goza a fresca.



O olhar, o ouvido, a alma inteira
Vê, ouve, acredita, sente
Quanto sonhe, quanto invente,
Quanto queira,

Quando, ó lua das baladas,
Forjas vizões indistinctas
Com esse aguado das tintas
Estragadas.

A INVENÇÃO DO DIABO

Deus entregando ao Diabo a metade do mundo,
Deu-lhe a parte peor, como era de razão;
E, para arrecadar seu patrimonio, o Imundo
Foi forçado a varrer todo o cisco do chão.

Tomando para si todo o imenso tesouro
Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia,
Póde o Senhor fazer esbanjamentos de ouro
Nas estrelas da noute e no esplendor do dia.

Póde esparzir na areia as perolas do orvalho,
Marchetar de rubis a aza de um beijaflor,
Fazer a primavera — e pôr em cada galho
O gorgueio de uma ave e o riso de uma flor ...

A Satanaz, porem, coube em partilha a treva,
O odio como prazer, como covil um poço ;
E ele lá no seu reino escuro a vida leva
De um cão magro a que dão muita pancada e um osso.

E: enquanto a mão de Deus, abrindo-se, semeia
Astros de ouro no ceu, messes de ouro no pó,
Satanaz, furioso, a mão sacode, cheia
De lepra e maldição como o punho de Job.

Só uma vez Satan respirou satisfeito,
E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso,
Quando um dia, ao sair do seu covil estreito,
De repente se achou dentro do paraizo.

A primeira impressão que teve foi de inveja:
Daquelle extranho quadro o imprevisto esplendor
Só lhe pôde arrancar á boca malfazeja
Uivos de cão ferido, imprecações de dor.

Mas de repente, como o corisco clareia
O tenebroso ceu nas borrascas de Agosto,
Uma ideia triunfante, uma sinistra idéa
Fuzilou-lhe no olhar e iluminou-lhe o rosto.

Sobre um macio chão todo em musgos e rosas,
Eva, formosa e nua, adormecera ao luar.
E sobre a alva nudez dessas fórmas graciosas
Satan deixou cair um desdenhoso olhar...

Mas num sonho talvez de cousas ignoradas,
Num desejo sem alvo, imperfeito e indeciso,
Eva os labios abriu, — e abriram-se, orvalhadas
De um suspiro de amor, as rosas de um sorriso.

Espantado, Satan viu que esse marmore era
Animado e gentil, ardente e encantador ;
Como um resumo viu de toda a primavera
Na frescura sem par daquela boca em flor.

E foi sómente então que o Principe da Treva
Imaginou o Amor furioso e desgrenhado,
E resolveu fazer dos roseos labios de Eva
O calix consagrado ás missas do Pecado.

Labios feitos de mel, de rosas ao sereno,
De ceu do amanhecer franjado em rosicler...
Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno,
Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher.

FUGINDO AO CAPTIVEIRO

I

Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena
Serra do Mar.

Em cima, ao longe, alta e serena,
A ampla curva do ceu das noites de geada:
Como a palpitação vagamente azulada
De uma poeira de estrelas..

Negra, imensa, disforme,
Enegrecendo a noite, a desdobrar-se pelas
Amplidões do horisonte, a cordilheira dorme.

Como um sonho febril no seu somno ofegante,
Na sombra em confusão do mato farfalhante,
Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo :
Trepá agora alcantis por escarpas a prumo,
Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios ;
Mais repousado, além levemente se enruga
Na crespá ondulação de cómoros macios ;
Resvala num declive ; e logo, como em fuga
Precípita, atravez da escuridão nocturna,
Despenha-se de chofre ao vácuo de uma furna.

Do fundo dos grotões outra vez se subleva,
Surge, recai, resurge... E, assim, como em torrente
Furiosa, em convulsões, vai rolando na treva
Despedaçadamente e indefinidamente.

Muge na sombra a voz rouca das cachoeiras.

Rajadas sorrateiras

De um vento preguiçoso arfam de quando em quando
Como um vasto motim que passa sussurrando :
E em cada árvore altiva, e em cada humilde arbusto,
Ha contorções de raiva ou frémitos de susto.

A mata é tropical: basta, quasi macissa
De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante,
Que, imperturbavelmente imóvel, inteiriça
Sob a rija galhada o torso de gigante,
— Uma vegetação turbulenta e bravia
Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia:
Mouças de craguatás agressivos; rasteiras
Trapoerabas tramando o chão todo; touceiras
De brejaúva, em riste as flexas ouriçadas
De espinhos; e por tudo, e em tudo emaranhadas,
As trepadeiras, em redouças balouçando
Hastes vergadas, galho a galho acorrentando
Arvores, afogando arbustos, brutalmente
Enlaçando á jissara o talhe adolescente.
Cem especies formando a trama de uma sebe,
Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe
Da floresta, oprimida e em perpetuo levante...

Acesa num furor de seiva transbordante,
Toda essa multidão desgrenhada—fundida
Como a conflagração de cem tribus selvagens
Em batalha — a agitar cem fórmulas de folhagens
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.

Na confusão da noute, a confusão do mato
Gera alucinações de um pavor insensato,
Aguça o ouvido ancioso e a visão quasi extincta:
Lembra—e talvez abafe—urros de onça faminta

A mal ouvida voz da tremula cascata
Que salta e foge e vai rolando aguas de prata.
Rugem sinistramente as moutas sussurrantes.
Acoutam-se traições de abismo numa alfombra.
Penedos traçam no ar figuras de gigantes.
Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.

Uns tardos caminhantes
Sinistros, meio nus, esboçados na sombra,
Passam, como visões vagas de um pesadelo.

São captivos fugindo ao captiveiro. O bando
E' numeroso. Vêm de longe, no atropelo
Da fuga perseguida e cançada. Hesitando,
Em recúos de susto e avançadas afoutas,
Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras,
Improvisam o rumo ao acaso das moutas.

Vão arrastando os pés chagados de frieiras...

De furna em furna a Serra, imensa, se desdobra;
De sombra em sombra a noute, infinda, se prolonga;
E flexuosa, em vaivens, como de dobra em dobra,
A longa fila ondula e serpenteia, e a longa
Marcha atravez da noute e das furnas avança...

Vão andrajosos, vão famintos, vão morrendo.
Incita-os o terror, alenta-os a esperança :
Fica-lhes para traz, para longe, o tremendo
Cativeiro... E atravez desses grotões por onde
Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde,
Da vasta escuridão que os cega e que os ampara,
Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos,
Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara
-- A Canaan dos captivos.

Vão calados, poupando o folego. De quando
Em quando — fio dagua humilde murmurando
As tristezas de um lago imenso — algum gemido,
Um grito de mulher, um choro de criança,
Conta uma nova dor em corpo já dorido,
Um bruxoleio mais mortiço da esperança,
A rajada mais fria arripiando a floresta
E a pele nua; o espinho entrando a carne; a aresta
De um seixo apunhalando o pé já todo em sangue;
Uma exacerbação nova da fome velha,
A tortura da marcha imposta ao corpo exangue,
O joelho exausto que, contra a vontade, ajoelha...

E a longa fila segue: a passo, vagarosa,
Galga, de fraga em fraga, a montanha fragosa,
Bem mais fragosa, bem mais alta que o Calvario...

Um, tropeçando, arrima o pai octogenario;
Os mais valentes dão apoio aos mais franzinos;
E Mães, a agonisar de fome e de canção,
Levam com o coração mais do que com o braço
Os filhos pequeninos.

II

Eil-o, por fim, o termo desejado
Da subida: a montanha avulta e cresce
De um vale escuro ao ceu todo estrelado;
E o seu cume de subito aparece
De um resplendor de estrelas aureolado.

Mas ai! Tão longe ainda!... E de permeio
A vastidão da sombra sem caminhos,
Um fundo vale, tenebroso e feio,
E o mato, o mato das barrocas, cheio
De fantasmas, de estrepitos, de espinhos.

Tão longe ainda!... E os peitos arquejantes,
E as forças e a coragem sucumbindo...
Estacando, aterrados, por instantes
Pensam que a morte hão de encontrar bem antes
Do termo desse itinerario infindo...

Tiritando, a chorar, uma creança
Diz com voz debil: «Mãi, faz tanto frio!...»
E a mãi os olhos desvairados lança
Em torno, e vê apenas o sombrio
Manto de folhas que o tufão balança..

« Mãi, tenho fome! » a creancinha geme ;
E ela, dos trapos arrancando o seio,
Põe-lh'o na boca anciosa, aperta e espreme...
Arido e seco!... E do caminho em meio...
Ela, aterrada e muda, estaca e treme.

Vai-lhe morrer, morrer nos proprios braços,
Morrer de fome, o filho bemquerido ;
E ela, arrastando para longe os passos,
O amado corpo deixará, perdido
Para os seus beijos, para os seus abraços...

Esse cadaver pequenino, e o riso
Murcho no labio, e os olhos apagados,
Toda essa vida morta de improviso,
Hão de ficar no chão, abandonados
A' inclemencia dos sóes e do granizo;

Esse entesinho debil e medroso,
Que ao mais leve rumor se assusta e busca
O azilo de seu seio carinhoso,
Ha de ficar sosinho; e, em torno, a brusca
Voz do vento ululante e cavernoso.

E, em torno, a vasta noute solitaria,
Cheia de sombras, cheia de pavores,
Onde passa a visão errante e vária
Dos lobishomens ameaçadores
Em desfilada solta e tumultuaria...

Desde a cabeça aos pés, toda estremece;
Falta-lhe a força, a vista se lhe turva,
Toda a coragem na alma lhe esmorece.
E, afastando-se, ao longe, numa curva
O bando esgueira-se, e desaparece...

Ficam sós, ela e o filho, agonizando,
Ele a morrer de fome, ela de medo.
Ulula o furacão de quando em quando,
E sacudindo os ramos e o folhedeo
Movem-se as arvores gesticulando.

Ela ergue os olhos para o ceu distante
E pede ao ceu que descortine a aurora;
Dorme embuçado em sombras o levante,
Mal bruxoleia pela noute fóra
Das estrelas o brilho palpitante.

Tenta erguer-se, e recai; soluça e brada,
E apenas o éco lhe responde ao grito;
Os olhos fecha para não ver nada,
E tudo vê com o coração afficto,
E tudo vê com a alma alucinada.

Dentro se lhe revolta a carne; explode
O instincto bruto, e quebra-lhe a vontade;
Máis, vosso grande amor, que tanto póde,
Póde menos que a indómitta anciedade
Em que o terror os musculos sacode!

Ela, apertando o filho estreitamente,
Beija-lhe os olhos humidos, a bôca.
E desvairada, em pranto, ebria e tremente,
Arrancando-o do seio, de repente
Larga-o no chão e foge como louca.

III

Aponta a madrugada:
Da turva noite esgarça o humido veu,
E espraia-se risonha, alvoroçada,
Rosando os morros e dourando o ceu.

A caravana tropega e anciosa
Chega ao tope da Serra...
O olhar dos fugitivos
Descança enfim na terra milagrosa.
Na abençoada terra
Onde não ha captivos.

Em baixo da montanha, logo adiante,
Quasi a seus pés, uma planície imensa,
Clara, risonha, aberta, verdejante:

E ao fundo do horizonte, ao fim da extensa
Macia varzea que se lhes depara
 Ali, próxima, em frente,
Esfumadas na luz do sol nascente
As colinas azues do Jabaquara...

O dia de ser livre, tão sonhado
Lá do fundo do escuro captiveiro,
Amanhece por fim, leve e dourado.
 Enchendo o ceu inteiro.

Uma explosão de jubilo rebenta
Desses peitos que arquejam, dessas bocas
Famintas, dessa turba macilenta:

Um borbórinho de palavras loucas,
De frases soltas que ninguém escuta
Na vasta solidão se ergue e se espalha,
E em pleno seio da floresta bruta
Canta victoria a meio da batalha.

Seguindo a turba gárrula e travessa
Que se alvoroça e canta e salta e ri-se,
Um coitado, com a tremula cabeça
Toda a alvejar das neves da velhice,
Tardo, tropego, só, desamparado,
Chega afinal, exsurge á superfície
Do alto cimo; repousa, consolado,
Longamente, nos longes da planície
 O olhar quasi apagado;
Distingue-a mal; duvida; resmungando,
Fita-a... Comprehende-a pouco a pouco: vê-a
Anunciando proxima, esboçando
— No chão que brilha de um fulgor de arêa,
Num verde claro de hervaçal que ondêa —
A aparição da Terra Prometida...

Todo tremulo, ajoelha; e ajoelhado,
De mãos postas, nos olhos a alma e a vida,
Ele, o mesquinho e o bemaventurado,
Adora o Ceu nessa visão terrena...

E de mãos postas sempre, extasiado,
Murmura, reza esta oração serena
Como um tosco resumo do Evangelho:

«Foi Deus Nosso Senhor que teve pena
De um pobre negro velho... »

Seguem. Começa a ingreme descida.
Descem. E recomeça
A peregrinação entontecida
No labirinto da floresta espessa.
Sob o orvalho das folhas gotejantes,
Entre as moutas cerradas de espinheiros,
Andrajosos, famintos, triunfantes,
Descem barrancos e despenhadeiros.

Descem rindo, a cantar .. Seguem felizes
Sem reparar que os pés lhes vão sangrando
Pelos espinhos e pelas raizes;
Sem reparar que atrás, pelo caminho
Por onde fogem como alegre bando
De passarinhos da gaiola escapo
—Fica um pouco de trapo em cada espinho
E uma gota de sangue em cada trapo.

Descem rindo e cantando, em vozeria
E em confusão. Toda a floresta, cheia
Do murmurio das fontes, da alegria
Deles, da voz dos passaros, gorgeia.
Tudo é festa. Severos e calados,
Os velhos troncos, placidos ermitas,
Os proprios troncos velhos, remoçados,
Riem no riso em flor das parasitas.

Varando acaso ás arvores a sombra
Da folhagem que á brisa arfa e revoa,
Na verde ondulação da humida alfombra
O ouro leve do sol bubuia á toa;
A agua das cachoeiras, clara e pura,
Salta de pedra em pedra, aos solavancos;
E a flor de S. João se dependura
Festivamente á beira dos barrancos.

Vão alegres, ruidosos. Mas no meio
Dessa alegria palpitante e louca,
Que transborda do seio
E transbordada canta e ri na boca,
Uma mulher, absorta, acabrunhada,
Segue parando a cada passo, e a cada
Instante os olhos para traz volvendo:
De além, do fundo dessas selvas brutas,
Chama-a, seu nome em lagrimas gemendo,
Uma vozinha anciosa e suplicante...

Mãe, onde geme que tão bem o escutas
Teu filho agonisante?

IV

De repente, como um agouro e uma ameaça,
Um alarido de vozes estranhas passa
Na rajada do vento...

Estacam.

Como um bando
De ariscos caitetés farejando a matilha,
Imoveis, alongado o pescoço, arquejando,
Presa a respiração, o olhar em fogo, em rilha
Os dentes, dilatada a narina, cheirando
A aragem, escutando o silencio, espreitando
A solidão; assim, num alarma instintivo,
Estaca e põe-se álferta o bando fugitivo.

Nova rajada vem, novo alarido passa...

Como, topando o rastro inda fresco da caça,
Uiva a matilha enquanto inquire o chão agreste,
E de repente, em furia, alvoroçada investe
E vai correndo e vai latindo de mistura;
Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura,
E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.

Grita e avança em triunfo a soldadesca ufana.

E os frangalhos ao vento, em sangue o pé descalço,
Alcateia usurpando a fôrma e a face humana,
Almas em desespero arfando em corpos gastos,
Mães afflictas levando os filhinhos de rastos,
Homens com o duro rosto em lagrimas, velinhos
Esfarrapando as mãos a tactear nos espinhos;
Toda essa aluvião de caça perseguida
Por um clamor de furia e um tropel de batida,
Foge... Rompendo o mato e rolando a montanha,
Foge... E, moutas a dentro e barrocaes a fóra,
Arrasta-se, tropeça, esbarra, se emaranha,
Arqueja, hesita, afrouxa, e desanima, e chora...

Páram.

Perfo, bramindo, a escolta o passo estuga.

Os fugitivos, nesse aproximar da escolta
Sentem que vai chegando o epílogo da fuga:
A gargalheira, a algema, as angustias da volta...

Além, fulge na luz da manhã leve e clara,
O contorno ondulante e azul do Jabaquara.
Adeus, terra bemdita! Adeus, sonho apagado
De ser livre! É preciso acordar, e acordado
Ver-te ainda, e dizer-te um adeus derradeiro,
E voltar, para longe e para o captiveiro.

Sobre eles, novamente, uma funerea noute
Cáí, para sempre...

Como a tropega boiada,
Que, abrazada de sede e tangida do açoute,
Se arrasta pela areia adusta de uma estrada;
Volverão a arrastar-se, humildes e tristonhos,
Tangidos do azorrague e abrazados de sônhos,
Pelo deserto areal desse caminho estreito:
A vida partilhada entre a senzala e o eito...

Agrupam-se, vencidos,
A tremer, escutando o tropel e os rugidos
Da escolta cada vez mais em furia e mais perto.

Nesse magote vil de negros maltrapilhos
Mais de um olhar, fitando o vasto ceu deserto,
Ingenuamente exprobra o Pai que engeita os filhos...

Destaca-se do grupo um fugitivo. Lança
Em torno um longo olhar tranquilo, de esperança,
E diz aos companheiros:

«Fugi, correi, saltai pelos despenhadeiros;
A varzea está lá embaixo, o Jabaquara é perto...
Deixai-me aqui sosinho.
Eu vou morrer, de certo...
Vou morrer combatendo e trancando o caminho.

A morte assim me agrada:
Eu tinha de voltar p'ra conservar-me vivo...
E é melhor acabar na ponta de uma espada
Do que viver captivo.»

E enquanto a caravana
Desanda pelo morro atropeladamente,
Ele, torvo, figura humilde e soberana,
Fica, e a pé firme espera o inimigo iminente.

Hercules negro! Corre, abraza-lhe nas veias
Sangue de algum heroico africano selvagem,
Acostumado á guerra, a devastar aldeias,
A cantar e a sorrir no meio da carnagem,
A desprezar a morte espalhando-a ás mãos cheias...

Não pôde a escravidão domar-lhe a indole forte,
E vergar-lhe a altivez, e ajoelhal-o deante
Do carrasco e da algema:
Sorri para o suplicio e a fito encara a morte
Sem que lhe o braço trema,
Sem que lhe ensombre o olhar o medo suplicante.

Erguendo o braço, ele ergue a fouce: a fouce volta,
E rola sobre a terra uma cabeça solta.
Sobre ele vem cruzar-se o gume das espadas...
«Ah, prendel-o, jamais!» respondem as fouçadas
Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.

De lado a lado o sangue espirra a jorros... Ele,
Agil, possante, ousado, heroico, formidando,
Faz frente: um contra dez, defende-se e repele.

E não se entrega, e não recúa, e não fraqueja.
Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja:
O braço luta, o olhar ameaça e desafia,
A coragem resiste, a agilidade vence.

E, coriscando no ar, a fouce rodopia.

Afinal um soldado, ebrio de covardia,
Recúa; vai fugir... Recúa mais; detem-se:
Fóra da luta, sente o gosto da chacina;
E vagorosamente alçando a carabina,
Visa, desfecha.

O negro abrira um passo á frente,
Erguêra a fouce, armava um golpe...

De repente
Estremece-lhe todo o corpo fulminado.

Cái-lhe das mãos a foice, inerte, para um lado,
Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefeço,
Ilumina-lhe ainda a face decomposta
Um derradeiro olhar de afronta e de desprezo.

Como enxame em furor de vespas assanhadas,
Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta,
E retalham-n'ó á solta os gumes das espadas...

E retalhado, exausto, o luctador vencido
Todo flameja em sangue e expira num rugido.

CANTIGAS PRAIANAS

E' tão pouco o que desejo,
Mas é tudo o que me falta,
Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta.

Ninguém sabe o que suporta
O mar que chora na areia
Por essa tristeza morta
Das noutes de lua cheia.

Em baixo, o pranto das águas,
Em cima, a lua serena.
E eu, pensando em minhas maguas,
Ouço o mar, e tenho pena.

Meu amor é todo feito
De neblina tão cerrada,
Que por mais que em roda espreito
Só te vejo a ti, mais nada.

Ai, minha sina está lida,
Meu destino está traçado:
Amar, amar toda a vida,
Morrer de não ser amado.

Vai, branca e fugidia,
A nuvem pelo ar:
Roça de leve a lua,
Embebe-se em luar.

E toda resplandece
No brilho do luar,
Mas pouco a pouco passa
E perde-se no ar.

Minha alma na tua alma
— Nuvem que trouxe o vento —
Passou por um instante,
Roçou por um momento.

E toda luminosa
Brilhou. Fôï um momento:
Passou como uma nuvem
Levada pelo vento.

Eu reflecti apenas
Um brilho que era teu ;
Passei, e tu ficaste,
Ficou contigo o ceu.

Sonhei. Que bello sonho
Vivido em pleno ceu!
Mas, ai! sonhei apenas
Um sonho todo teu.

A vida era uma aurora,
E a tua voz suave
Cantava em meu ouvido
Com um gorgueio de ave.

Mentias. E a mentira
Era um gorgueio de ave.
Morresse eu enganado
De engano tão suave!

Que angustias na lembrança
De tudo que perdi!
Ai, beijos desse labio
Que hoje nem me sorri!.

Vestigio derradeiro
Que me ficou de ti,
Bemdicta esta saudade
De tudo que perdi!

Sim, eu bemdigo em pranto
O amor abandonado
Que foi um dia o sonho
De amar e ser amado.

Quem ama sempre, um dia
Deixa de ser amado:
Sómente o amor que foge
Não é abandonado.

Que resta em nós agora
Da primavera em flor?
Em ti, o esquecimento,
Em mim, o meu amor.

Amor desfeito em magua
Mas abençoado amor,
Que foi, um dia ao menos,
A primavera em flor.

Maria!. Nome tão doce,
Nome de santa. Parece
Que o digo como si fosse
O resumo de uma prece.

Tem tão mística doçura.
Abre azas á fantasia:
«Maria!» — o labio murmura,
E a alma ecôa: «Ave, Maria!»

Mal sabes tu que desprezas
Os olhos com que te sigo
Que meus olhares são rezas
Ditas baixinho, comigo.

Mal sabes, santa Maria,
Que em tudo que sonho e penso
Teu nome paira e irradia
Como entre nuvens de incenso.

Maria, nome tão doce.
E' o teu nome. Parece
Que o digo como si fosse
O resumo de uma prece.

Murmuro-o devotamente:
E a essa oração, se levanta
No meu extase de crente
A tua imagem de santa.

E então, alma e olhar submersos
Num clarão de alampadario,
Vou desfiando estes versos
Como as contas de um roزاریo.

Nem só o olhar dos olhos de quem ama
Revela o amor que se supõe discreto,
E o mais oculto, o mais medroso affecto
Ingenuamente á luz do sol proclama.

Tambem a voz, indiscrição bemdita,
Trái o amor sob a frase indiferente,
E debalde a palavra finge e mente:
Na voz que treme o coração palpita.

Desvias dos meus olhos infelizes
O teu olhar; dizes que não. Loucura!
Em tua voz que trémula murmura
Ouço tudo que sentes e não dizes.

Do que sofro sem queixar-me
Sois causa sem o supôr:
Matais-me, e sois inocente,
Que eu expio unicamente
O crime do meu amor.

Crime, sim, e grave crime,
Crime, e crime sem perdão:
Ai, eu sou como um suicida
Que em sonhos esbanja a vida
Sabendo que sonha em vão.

PEQUENINO MORTO

Tange o sino, tange, numa voz de choro,
Numa voz de choro. tão desconsolado.
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo. Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de choro.
Pequenino, acorda!

Como o somno apaga o teu olhar inerte
Sob a luz da tarde tão macia e grata!
Pequenino, é pena que não possas ver-te.
Como vaes bonito, de vestido novo
Todo azul celeste com debruns de prata!
Pequenino, acorda! E gostarás de vêr-te
De vestido novo.

Como aquela imagem de Jesus, tão lindo
Que até vai levado em cima dos andores,
Sobre a fronte loura um resplendor fulgindo,
— Com a grinalda feita de botões de rosas
Trazes na cabeça um resplendor de flores.
Pequenino, acorda! E te acharás tão lindo
 Florescido em rosas!

Tange o sino, tange, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro. tão desconsolado.
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino levam-te dormindo. Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de chôro.
 Pequenino, acorda!

Que caminho triste, e que viagem! Alas
De ciprestes nêgros a gemer no vento;
Tanta boca aberta de famintas valas
A pedir que as fâtem, a esperar que as encham...
Pequenino, acorda! Recupera o alento,
Foge da cobiça dessas fundas valas
 A pedir que as encham.

Vae chegando a' hora, vae chegando a hora
Em que a mãe ao seio chama o filho... A espaços,
Badalando, o sino diz adeus, e chora
Na melancolia do cair da noute;
Por aqui, só cruces com seus magros braços
Que jamais se fecham, hirtos sempre... E' a hora
Do cair da noute.

Pela Ave Maria, como procuravas
Tua mãe!. Num éco de sua voz piedosa,
Que suaves cousas que tu murmuravas,
De mãosinhas postas, a rezar com ela.
Pequenino, em casa, tua mãe saudosa
Reza a sós. E' a hora quando a procuravas.
Vae rezar com ela!

E depois. Teu quarto era tão lindo! Havia
Na janela jarras onde abriam rosas;
E no meio a cama, toda alvor, macia,
De lençóes de linho no colção de penas.
Que acordar alegre nas manhãs cheirosas!
Que dormir suave, pela noute fria,
No colção de penas.

Tange o sino, tange, numa voz de choro,
Numa voz de choro. tão desconsolado.
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo. Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de choro.
Pequenino, acorda!

Porque estacam todos dessa cóva á beira?
Que é que diz o padre numa lingua estranha?
Porque assim te entregam a essa mão grosseira
Que te agarra e leva para a cóva funda?
Porque assim cada homem um punhado apanha
De caliça e espalha-a, debruçado á beira
Dessa cóva funda?

Vais ficar sozinho no caixão fechado.
Não será bastante para que te guarde?
Para que essa terra que jazia ao lado
Pouco a pouco róla, vae desmoronando?
Pequenino, acorda! — Pequenino!. E' tarde!
Sobre ti cai todo esse montão que ao lado
Vae desmoronando.

Eis fechada a cóva. Lá ficaste. A enorme
Noute sem aurora todo amortalhou-te.
Nem caminho deixam para quem lá dorme,
Para quem lá fica e que não volta nunca.
Tão sósinho sempre por tamanha noute!
Pequenino, dorme! Pequenino, dorme.
Nem acordes nunca!

PALAVRAS AO MAR

Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitárias! Tigre
A que as brisas da terra o somno embalam,
A que o vento do largo erriça o pêlo!
Junto da espuma com que as praias bordas,
Pelo marulho acalentada, á sombra
Das palmeiras que arfando se debruçam
Na beirada das ondas — a minha alma
Abriu-se para a vida como se abre
A flor da murta para o sol do estio.

Quando eu nasci, raiava
O claro mez das garças forasteiras:
Abril, sorrindo em flor pelos outeiros,
Nadando em luz na oscilação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro;
E as leves garças, como folhas soltas
Num leve sopro de aura dispersadas,
Vinhão do azul do ceu turbilhãoando
Pousar o vôo á tona das espumas.

E' o tempo em que adormeces
Ao sol que abraza: a colera espumante,
Que estoura e brame sacudindo os ares,
Não os sacode mais, nem brame e estoura;
Apenas se ouve, timido e plangente,
O teu murmúrio; e pelo alvor das praias,
Languê, numa caricia de amoroso,
As largas ondas marulhando estendes.

Ah! vem dahi por certo
A voz que escuto em mim, tremula e triste,
Este marulho que me canta na alma,
E que a alma jorra desmaiado em versos;
De ti, de ti unicamente, aquela
Canção de amor sentida e murmurante
Que eu vim cantando, sem saber si a ouviam,
Pela manhã de sol dos meus vinte anos.

O' velho condemnado
Ao carcere das rochas que te cingem!
Em vão levantas para o ceu distante
Os borrifos das ondas desgrenhadas.
Debalde! O ceu, cheio de sol si é dia,
Palpitante de estrelas quando é noute,
Paira, longinquo e indifferente, acima
Da tua solidão, dos teus clamores.

Condemnado e insubmisso
Como tu mesmo, eu sou como tu mesmo
Uma alma sobre a qual o ceu resplende
— Longinquo ceu — de um esplendor distante.
Debalde, ó mar que em ondas te arrepelas,
Meu tumultuoso coração revoltado
Levanta para o ceu, como borrifos,
Toda a poeira de ouro dos meus sonhos.

Sei que a ventura existe,
Sonho-a; sonhando a vejo, luminosa,
Como dentro da noite amortalhado
Vês longe o claro bando das estrelas:
Em vão tento alcançá-la, e as curtas azas
Da alma entreabrindo, subo por instantes.
O' mar! A minha vida é como as praias,
E o sonho morre como as ondas voltam!



Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitarias! Tigre
A que as brisas da terra o somno embalam,
A que o vento do largo erriça o pêlo!
Ouço-te ás vezes revoltado e brusco,
Escondido, fantastico, atirando
Pela sombra das noites sem estrelas
A blasfemia colerica das ondas..

Tambem eu ergo ás vezes
Imprecações, clamores e blasfemias
Contra essa mão desconhecida e vaga
Que traçou meu destino. Crime absurdo
O crime de nascer! Foi o meu crime.
E eu expio-o vivendo, devorado
Por essa angustia do meu sonho inutil.
Maldita a vida que promete e falta,
Que mostra o céu prendendo-nos á terra,
E, dando as azas, não permite o vôo!



Ah! cavassem-te embora
O tumulto em que vives — entre as mesmas
Rochas nuas que os flancos te espedaçam,
Entre as nuas areias que te cingem.
Mas fosses morto, morto para o sonho,
Morto para o desejo de ar e espaço,
E não pairasse, como um bem ausente,
Todo o infinito em cima de teu tumulto!

Fosses tu como um lago,
Como um lago perdido entre montanhas:
Por só paisagem — áridas escarpas,
Uma nesga de céu como horizonte.
E nada mais! Nem visses nem sentisses
Aberto sobre ti de lado a lado
Todo o universo deslumbrante — perto
Do teu desejo e além do teu alcance!

Nem visses nem sentisses
A tua solidão, sentindo e vendo
A larga terra engalanada em pompas
Que te provocam para repelir-te;
Nem buscando a ventura que arfa em roda,
A onda elevasses para a ver tombando,
— Beijo que se desfaz sem ter vivido,
Triste flor que já brota desfolhada.



Mar, belo mar selvagem!
O olhar que te olha só te vê rolando
A esmeralda das ondas, debruada
Da leve fimbria de irisada espuma.
Eu adivinho mais: eu sinto. ou sonho
Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrugindo
Pelos fundos abismos do teu peito.

Ah, si o olhar descobrisse
Quanto esse lençol de águas e de espumas
Cobre, oculta, amortalha!. A alma dos homens
Apiedada entendera os teus rugidos,
Os teus gritos de colera insubmissa,
Os bramidos de angustia e de revolta
De tanto brilho condemnado á sombra,
De tanta vida condemnada á morte!

*

Ninguém entenda, embora,
Esse vago clamor, marulho ou versos,
Que sai da tua solidão nas praias,
Que sai da minha solidão na vida.
Que importa? Vibre no ar, acorde os écos
E embaie-nos a nós que o murmuramos.
Versos, marulho! amargos confidentes
Do mesmo sonho que sonhamos ambos!

SONHO PÓSTUMO

I

Poupem-me, quando morto, á sepultura: odeio
A cova, escura e fria.
Ah! deixem-me acabar alegremente, em meio
Da luz, em pleno dia.

O meu ultimo somno eu quero assim dormil-o:
— Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto ceu tranquilo.
E a primavera ao lado.

Bailem sobre o meu corpo azas tremulas, azas
Palpitando de leve,
De insectos de ouro e azul, ou rubros como brazas,
Ou claros como neve.

De entre moutas em flor, oscilantes na aragem,
Humidas e cheirosas,
Espalhando em redor frescuras de folhagem,
E perfume de rosas,

Subam, jovialisando o ar, canções suaves
— A musica sonóra
Em que parece rir a alegria das aves,
Encantadas da aurora.

E cada flor que um galho acaso dependura
A' beira dos caminhos
Entreabra o seio ao sol, ás brisas, á doçura
De todos os carinhos.

Passe em redor de mim um frémito de goso
E um calor de desejo,
E sôe o farfalhar das arvores, moroso
Como o rumor de um beijo.

Palpita a natureza inteira, bela e amante,
 Voluptuosa e festiva,
E tudo vibre e esplenda, e tudo fulja e cante,
 E tudo sonhe e viva.

A sepultura é noite onde rasteja o verme.
 O' luz que eu tanto adóro,
Amortalha-me tu! E possa eu desfazer-me
 No ar claro e sonóro!

II

A louza tumular o corpo fecha e cobre
De sombra e de abandono,
E paira, horrivel como um pezadelo, sobre
O derradeiro somno.

E', de certo, peor que a morte; desconforto.
E', por certo, mais triste:
A morte mata só — e não separa o morto
De tudo mais que existe.

Que é a morte, afinal, que tanto horror merece?
— Mais um degráu da escada
Por onde eternamente a vida sóbe e desce
Do nada para o nada.

Pelo agitado mar sem praias do universo
O homem surge e deriva
Ao acaso, como um floco de espuma, emerso
De uma onda fugitiva.

Quando a morte o devolve ao seio que o gerara,
Sem que o extinga e consuma,
Funde-o na onda que vai rolando, e que não pára
De erguer flocos de espuma.

O morto volve ao chão da terra bemfeitora
Desfeito em mil destroços,
E restitue-lhe assim tudo que em vida fôra:
— Carne vestindo uns ossos.

Só perde um sonho: o sonho apenas esboçado
No rapido transporte
Que o trouxe bruscamente impellido, empurrado
Do berço para a morte.

Sonho belo talvez, confuso com certeza,
Feito de riso e pranto,
Feito de sombra e luz, de alegria e tristeza,
De encanto e desencanto.

Sonho que surge como um turbilhão, e passa
E acaba num momento
Como um rumor sem éco, um pouco de fumaça
Espalhada no vento.

Tudo mais volta ao seio infinito desse horto
Que gera eternamente
A vida, e espera só que a morte, em cada morto
Lhe atire uma semente.

III

Porque se arroja, pois, ao tumulto, fechado
— Como um carcere escuro —
A tudo quanto é belo e explende ao sol dourado
Sob o ceu claro e puro,

Porque se larga á sombra, e se condemna á lama,
E se abandona ao verme,
Porque assim se castiga, e se repele, e infama
Um pobre corpo inerme?

Corpo que veio de uma explosão de desejo,
Encantado produto
De uma noite de amor — e que saiu de um beijo
Como, da flor, o fruto;

Corpo onde o olhar viveu para tudo que brilha,
Para as couzas mais belas:
— A terra em flor, o mar ao sol, a maravilha
Do céu cheio de estrelas;

Onde cada rumor em que a noite transborda
Sob o luar tristonho
Foi despertar um eco e vibrar uma corda,
E acalentar um sonho;

Corpo que tanta vez o aroma — essa carícia
Em que a flor se consome —
Encantou de um prazer subtil, de uma delícia
Sem igual e sem nome;

Onde o lábio se abriu, humido como as rosas
Quando amanhece o dia,
Para o sorriso, o beijo, e as couzas deliciosas
Que o amor pronuncia. .

Condennado por fim á dispersão da morte,
O universo o reclama.
Entre tudo quanto ha, porque lhe dar por sorte
O desfazer-se em lama?

IV

Oh! Deixai que o disperse o vento, aza ligeira
Em que sobe do chão,
Em que se eleva no ar tudo quanto é poeira
E decomposição.

Sim, deixai que o fecunde o sol, esse baptismo,
Essa ablução de luz
De que surgem sorrindo em flor—bordas de abismo
E lamas de paúes.

Sim, deixai que o redima o orvalho, em que, de rastros,
No chão dos areais,
A argila, recebendo a comunhão dos astros
Estrela-se em rosais.

Da materia imortal que ao acaso reunida
• Pairou nesse apogeu:
A vida humana; e após, de tão alto abatida,
Caiu e apodreceu,

Possa cada fragmento, e cada átomo possa
Obter o jubiléu
Em que, para o que é vil, se arrepende e se adoça
O mau humor do ceu;

Mau humor de que surge o verme, esse engeitado,
Esse erro, o caracol;
Que condemna, que humilha o pó que é pó, ao lado
Do pó que é luz do sol;

E que afinal se abrande e se penitencia
Naquella redempção
De que a noute resurge e se desmancha em dia,
E o castigo em perdão.

A poeira se dispersa; o charco se evapóra;
Perde-se o fumo no ar:
São feitos desse nada ouros fulvos de aurora,
Brancuras de luar.

V

Implacavel rancor do espirito á materia,
Da ilusão á verdade,
Do que sonha ao que vive. O' miseria, miseria!
O' vaidade, vaidade!

A alma insubmissa e vã supõe-se encarcerada
No corpo, essa priãzo,
— Ilha de um rude mar, princeza desterrada,
Flor caida no chão;

Considera-se como a fina essencia, presa
Num vaso desprezado ;
Vê no corpo um montão de infamia e de torpeza,
De vicio e de pecado.

A morte — como um fim de captiveiro encara
— Um romper de manhã,
A hora da partida anciosa e livre para
As terras de Canaan.

Alma, é louco o desejo altivo, em que te abrazas,
De ceus nunca atingidos :
Ai, que serias tu, passaro, sem as azas,
Alma, sem os sentidos ?

Nos olhos se esvazie o olhar, que te revela,
Que descobre. ou que faz
Tanta extensão de azul, tanto fulgor de estrela.
Alma, que sonharás ?

Alma, que sonharás, na silenciosa auzencia
Do som — emudecida
Para o teu devaneio a vaga confidencia
Dos sub-solos da vida ?

Em vão levantas no ar as tuas fantasias
E as tuas ambições;
Architectas em vão tantas filosofias,
Tantas religiões.

Para mais desterrar na morte a carne, morta
Por fim, emfim vencida,
Inventaste o pavor de um cárcere sem porta,
De um antro sem saída.

Inventaste-o debalde. O tumulto condemna
O corpo á podridão,
Mas não te exime a ti da mesma escura pena
De apodrecer no chão:

Sangue que o coração alvoroça e amotina,
Vibração provocada
Dos nervos, e depois. um sonho da retina.
E's tudo isso, e mais nada.

VI

O derradeiro somno, eu quero assim dormil-o:
 Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto ceu tranquilo
 E a primavera ao lado.

Amortalhe-me a noute estrelada; arda o dia
 Depois, claro e risonho;
E seja a dispersão na luz e na alegria
 O meu ultimo sonho.

CARTA A V S.

Artista, amigo, irmão, sê generoso e pio,
Perdoa a um pescador seus pecados mortais!
Eu, alma em turbilhão, corpo em cacos, expio
Com remorsos crueis e cólicas fatais
— Faltas em que reincido, erros em que porfio.

Ai, no fundo, não sou mais do que um bugre, eis tudo.
Corre abundante em mim sangue de guaianás.
Veste-me a pele branca o espirito desnudo,
Simples, rudimentar, insubmisso, incapaz,
Que porventura herdei de algum avô beçuado.

Imagina que sou neto de algum cacique
Cuja vida feliz de nómade sem lar
Tinha a alegre feição de um grande pique-nique;
E em cuja fronte altiva as plumas de um cocár
Eram como a expressão ritual do ultimo *chic*.

Alguns bugre feroz, cujo corpo bronzeado
Mantinha a liberdade inata da nudez;
Que dormia tranquilo um somno descuidado
— Passivo, indiferente, enfarado talvez —
Sob o misterio azul do ceu todo estrelado.

Ignorando o pavor da vida extra-terrena,
Tinha para o Futuro um olhar de imbecil;
E, passando na Terra, inutil, em pequena
Viagem atravez da natureza hostil,
Vivia sem cuidado e morria sem pena.

Vegetava feliz, sem lei, sem rei nem roque.
Sua unica ambição era a fome vivaz,
Sua unica riqueza, uma flexa e um bodoque;
E abria-se num riso eterno e contumaz
O seu labio — fendido ao peso do batoque.

Imagina tu, pois, a alma do avô selvagem
Comprimida, esmagada, atonita, infeliz,
Metida numa vasta e complexa engrenagem
De deveres morais e tramoias subteis,
De apuros de dinheiro e apuros de linguagem;

Imagina esse filho inculto da floresta,
Que ama o ceu porque é belo, e ama o sol porque luz,
— Perdido na Cidade ignobil e funesta,
Cheia de sombra e pó, caiada e deshonestas,
Velha Aspázia, garrida, e a desfazer-se em pús;

Vê si esse humilde e tosco espirito imaginas,
Ao sabor de uma turba em grita e em confusão,
Pela prédica e o livro, os jornais e as *moftnas*,
Arrastado em tropel — disputado em leirão
Em nome de trez mil Sistemas e Doutrinas;

Imagina captiva, entregue, submetida
Aos caprichos da Moda e á exigencia das Leis,
Entre o encanto do Mal e a idéa da Outra Vida,
Entre o culto de Deus e o culto do Mil-réis,
Entre o padre e o vendeiro, entre o Verso e a Comida;

Ai, imagina assim a alma do bugre bravo,
Meu avô — que, no mato, era o dono feliz
Do seu tempo vazio e do seu gosto ignavo,
Que era, em suma, o senhor do seu proprio nariz.
— Alma livre que em mim reviveu num escravo!

Alma apenas capaz de adejar, fugidiça,
Em vôos leves de uma aza de beijaflor;
E obrigada a pairar nas regiões da Justiça
Como um corvo que sóbe ao ceu todo esplendor
Para, do alto, melhor lobrigar a carniça.

Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada
A' macaqueação cabocla do europeu,
Conserva, forte e viva, a angustia de exilada,
A saudade fiel de tudo que perdeu,
Da floresta nativa, ausente e devastada.

Assim, de quando em quando assalta-me a cachola
Um furioso desejo — ou do mato, ou do mar,
Das vastas solidões onde ninguem me amola.
E, passaro captivo, eu fujo, a me escapar
Da Civilisação — como de uma gaiola.

Fujo, escapo, disparo atravez das vielas
Plenas de agitação, de attritos e de pó;
Salvo-me, aos esbarrões, dando cebo ás canelas,
A ouvir a voz de algum descendente de Job
Que apregôa Moral — coberto de mazelas.

Liberto, a salvo emfim, penetro na floresta
Como num templo augusto habitado por Deus;
E ante o vasto esplendor da natureza em festa,
Sob a aureola em que a cinge a abobada dos ceus
— Rendo-lhe a adoração que o meu olhar lhe presta.

Nem padres, nem altar, nem liturgia. Um côro
De aves canta a alegria ingenua de viver;
De longe em longe reza e resmunga um bezouro,
E sóbe, como incenso, o perfume, a se erguer
Da sombra em flor do chão que o sol polvilha de ouro.

E, por um dia ou dous, eis-me entregue, alma antiga
De bugre resurrecto, o olhar vago, os pés nus,
A' doce Religião da Natureza amiga.
E'rro á tôa; o primeiro atalho me conduz,
Ver o ceu me contenta; uma arvore me abriga.

Estendo-me na relva; e, na delicia absorto
De sentir a alma leve, ôca, vazia. .assim
Góso a beatitude inteira do conforto
De me deixar levar pelo tempo sem fim
Como um tóco sem vida a boiar num mar morto.

Não pensar, não querer. A ambição e a saudade
Adormecidas; morta essa ilusão pueril
De fazer intervir no Destino a Vontade.
Ignorar o Minuto, insecto odioso e vil
Que róe a vida e vai tecendo a eternidade.

Na solidão do mato, esqueço, ignoro, em suma:
Sou feliz. Dou sueto a esta alma de aluguel
Que vive, de auto em auto, a desfazer-se em espuma;
E, livre do canudo atroz de bacharel,
Passo orgulhosamente a ser cousa nenhuma.

E o mar então. O mar, o velho confidente
De sonhos que a mim mesmo hesito em confessar,
Atrai-me; a sua voz chama-me docemente,
Dá-me uma embriaguez como feita de luar.
O mar é para mim como o Ceu para um crente.

Vê tu lá, Valdomiro, o bugre apenas manso
Que eu sou. Sob o verniz que me disfarça, está
O tapuia boçal, bravio como um ganso,
Devoto da Preguiça, amigo do descanso,
— Um neto do remoto avô Tibiriçá.

Impetos de voltar, fugido, para o mato,
De me fazer ao mar numa casca de noz:
Eis o vício do bugre, eis o meu vício inato,
Eis o que eu em remorso e em colicas resgato,
Eis o crime de ser neto de meus avós.

E agora, conhecendo a verdade inteiriça,
Perdôa a um pescador seus pecados mortais,
Perdôa a um preguiçoso os crimes da Preguiça,
E a um bugre como eu sou, não ter na alma insubmissa
O culto da Visita e dos Cartões Postais!

Falando agora a serio — e envergonhado o digo:
Não, desculpa não ha que ouse em proza valer
A's mil faltas em que eu estou para comtigo.
O verso diz. o que não ha para dizer:
Pague, pois, o poeta as dividas do amigo.

Paga-as; paga-as á vista, em rima numerosa;
Paga-as de rosto alegre e coração feliz,
Porque, na mesma estrofe exacta e affectuosa,
Póde, na mesma voz que o mesmo verso diz,
Saudar a um tempo o amigo e o principe da proza.

Lida a defeza, que é tão extensa e tão crua,
Outorga ao réo confesso um perdão liberal.
Pai do ceu! ainda aqui fiz uma falcatrua:
Sendo a defeza assim tão comprida — afinal
Os pecados são meus — e a penitencia é tua.

SUGESTÕES DO CREPUSCULO

Ao pôr do sol, pela tristeza
Da meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma reza
A voz do mar.

Augmenta, alastra e desce pelas
Rampas dos morros, pouco a pouco,
O ermo de sombra, vago e ôco,
Do ceu sem sol e sem estrelas.

Tudo amortece, e a tudo invade
Uma fadiga, um desconforto.
Como a infeliz serenidade
Do embaciado olhar de um morto.

Domada então por um instante
Da singular melancolia
De entorno — apenas balbucia
A voz piedosa do gigante.

Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar.
Que pede ao ceu que não a escuta
A voz do mar?

II

Extranha voz, extranha prece
Aquela prece e aquela voz,
Cuja humildade nem parece
Provir do mar bruto e feroz.

Do mar, pagão creado ás soltas
Na solidão, e cuja vida
Cõrre, agitada e desabrida,
Em turbilhões de ondas revoltas;

Cuja ternura assustadora
Agride a tudo que ama e quer,
E vai, nas praias onde estoura,
Tanto beijar como morder.

Torvo gigante repellido
Numa paixão lasciva e louca,
E' toda furia: em sua boca
Blasfema a dôr, mora o rugido.

Sonha a nudez: brutal e impuro
Branco de espuma, ebrio de amor,
Tenta despir o seio duro
E virginal da terra em flor.

Debalde a terra em flor, com o fito
De lhe escapar, se esconde, — e anceia
Atraz de cómoros de areia
E de penhascos de granito:

No encalço dessa esquiva amante
Que se lhe furta, segue o mar;
Segue, e as maretas sólta adeante
Como matilha, a farejar.

E, achado o rastro, vai com as suas
Ondas e a sua espuma
Lamber, na terra devastada,
Barrancos nus e rochas nuas.

III

Mais formidavel se revela,
E mais ameaça e mais assombra
A uivar, a uivar dentro da sombra
Nas fundas noutes de procela.

Tremendo e proximo se escuta,
Varrendo a noute, enchendo o ar,
Como o fragor de uma disputa
Entre o tufão, o ceu e o mar.

Em cada rispida rajada
O vento agride o mar sanhudo:
Roça-lhe a face, com o agudo
Sibilo de uma chicotada.

De entre a celeuma, um estampido
Avulta e estoura, alto e maior,
Quando, tirano enfurecido,
Troveja o ceu ameaçador.

De quando em quando, um tenue risco
De chama vem, da sombra em meio.
E o mar recebe em pleno seio
A cutilada de um corisco.

Mas a batalha é sua, vence-a:
Cança-se o vento, afrouxa. e assim
Como uma vaga somnolencia
O luar invade o ceu sem fim.

Donas do campo, as ondas rugem;
E o monstro impando de ousadia,
Pragueja, insulta, desafia
O ceu, cuspindo-lhe a salsugem.

IV

A alma raivosa e libertina
Desse tenaz batalhador
Que faz do escombros e da ruína
Como os troféus do seu amor;

A alma rebelde e mal composta
Desse pagão e desse ateu
Que retalia e dá resposta
A' mesma cólera do ceu;

A alma arrogante, a alma bravia
Do mar, que vive a combater,
Comove-se á melancolia
Conventual do entardecer

No seu clamor esmorecido
Vibra, indistincta e espiritual,
Alguma cousa do gemido
De um orgam numa cathedral.

E pelas praias aonde descem
Do firmamento — a sombra e a paz ;
E pelas varzeas que emudecem
Com os derradeiros sabiás;

Ouveni os ermos espantados
Do mar constricto no clamor
A confidencia dos pecados
Daquele eterno pecador.

V

Escutem bem. Quando entardece,
Na meia luz crepuscular
Tem a toada de uma prece
A voz tristissima do mar

FOLHA SOLTA

Não me culpeis a mim de amar-vos tanto,
Mas a vós mesma e á vossa formosura,
Pois si vos aborrece, me tortura
Ver-me captivo assim do vosso encanto.

Enfadais-vos; parece-vos que, em quanto
Meu amor se lastima, vos censura;
Mas sendo vós comigo aspera e dura,
Que eu por mim brade aos ceus não causa espanto.

Si me quereis diverso do que agora
Eu sou, mudai; mudai vós mesma, pois
Ido o rigor que em vosso peito mora,

A mudança será para nós dois:
E então podereis ver, minha senhora,
Que eu sou quem sou por serdes vós quem sois.

A PARTIDA DA MONÇÃO

I

Eil-as, as toscas naus de borda rastejante
A' flor das aguas, naus de estreitos rios quietos ;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante
O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insectos.

Nem o porte arrogante, o sobranceiro aprumo
— Altivo no descanço e ousado nos tufões —
Dessas aguias que vão bordejando sem rumo
Pelo acaso do mar, feito de turbilhões ;

Nem a airosa altivez de velas desfraldadas
Fulgindo ao sol, ao vento abroquelando o bojo;
Nem prôas a romper ondas e espumaradas,
Pelos parceiros em furia arroteando o rebojo;

Nada disso que faz o petulante orgulho
De afoutos bergantins e galeras reais:
Calcar a onda, rompel-a; ouvindo no marulho
A comemoração de seus passos triunfais;

Nem adeante, acirrando o desejo atrevido
De aventura e perigo, ancias de gloria, em suma,
— A infinita extensão do mar ermo, perdido
Nos confins do horizonte amortáldado em bruma;

Nem o arroubo, a poezia, a esperança fogosa
De ir ao longe, atravez das ondas, conquistar
A nudeza pagã e a virgindade ociosa
De ermas ilhas em flor nas solidões do mar

II

Humildes, toscas naus de borda rastejante
A' tona d'agua, naus de estreitos rios quietos,
Vão apenas abrir para o sertão distante
O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insectos.

Levadas no pendor macio da corrente,
Irão seguindo, irão seguindo sem rumor
E sem vontade, mole e resignadamente,
Por um rumo servil, forçado e encantador.

A raiva dos tufões (como a grita afastada
De éco em éco se adoça em suspiro de maguas)
Esvaída, a morrer de quebrada em quebrada,
Mal roçará de leve a face azul das águas.

Em todo o curso, a terra ao lado, seio amigo,
Companheira constante e proteção fiel,
Pondo o socorro á mão nas ancias do perigo,
Dando ao goso do olhar delicias de um vergel.

E o rio, manso, manso. a ondular, murmurando
O seu murmurio igual, monotono estribilho,
Morosa cantilena, em voz baixa e em tom brando,
De mãi que embala o berço onde repousa o filho.

E o rio, manso, manso. a embalal-as, descendo,
No balanço subtil da mole ondulação,
E a arrastal-as, de leve, assim, para o tremendo,
Para o longinquo, vago, infinito sertão.

III

Hão de em breve surgir, pelas margens sinuosas
Florestas virgens de onde um confuso rumor
Sóbe de solidões profundas, misteriosas,
Como um uivo agourento, um uivo ameaçador.

Voz sem éco, a não ser na alma de quem a escuta,
Surdo resfolegar de monstro provocado
Que de repente (acorda e, prestes para a lucta,
Abre a guela de sombra, e espera, socegado.

Socegado, seguro, apercebido, espera,
Os que lhe vêm trazer, fanática oblação,
Corações para a flexa e sangue para a fera,
Carniça para o abutre e ossadas para o chão.

A oculta sucuri, das hervas no disfarce,
Ergue a cabeça, afirma o olhar esconso e fusco,
É vagarosamente, e como a espreguiçar-se,
Desenrodilha o corpo e apresta o salto brusco.

Na sombra eternamente apagada, nocturna,
De fundos socavões virgens da luz solar,
Em cada gruta, em cada escuro, em cada furna,
Relampejam fuzis nos olhos de um jaguar

IV

Depois da mata escura, o campo undoso e verde,
Banhado em sol, fechado em ceu ao longe; e assim
Tão vasto e nu, que o olhar se fatiga e se perde
Num esplendor sem sombra e num ermo sem fim.

Paira, grassa em redor, toda a melancolia
De uma paisagem morta, igual, deserta e imensa,
Pondo nos olhos e nas almas que enfastia
Um pezo ainda maior que a dor, a indiferença.

Desanimado, absorto, ante essa indefinida
Solidão que se espraia além, além. o olhar
Tem a impressão que faz a tristeza da vida:
De ir seguindo, seguindo. e nunca mais voltar.

Sobre os dias irão caindo as noutes. Vastas
Noutes de um ceu que é todo azul de lado a lado,
Quando, ó triste luar das planicies, afastas
Ainda mais, ainda mais, o horizonte afastado.

V

De repente, uma flexa aligera sibila.
De onde veio? Da sombra. E a sombra, de repente,
— Traição da cascavel numa alfombra tranquila —
Principia a silvar com silvos de serpente.

Por toda parte a larga escuridão se anima
Desse leve rumor que espalha a morte, e sai
Do chão e voa, ou vem rastejante, ou, de cima,
Salpicado, vivaz, como um granizo, cái.

Bruscamente borbulha em fantasmas a margem
Agitada do rio. O clarão da metralha
Responde á sombra. E de éco em éco a imensa vargem
Reboa de um fragor de guerra e de batalha.

Eis o caminho aberto ao triunfo e á conquista.
— Como a corça ferida escapa e foge em vão,
Deixando atrás, deixando, humida e fresca, a pista
De seu flanco rasgado e sangrando no chão;

Fugitiva e dispersa, a turba dos vencidos
Atrái, guia, conduz para a tribu distante;
Para a perdida paz de seus lares traídos,
A guerra, o captiveiro, a morte: o bandeirante.

Ferve a lucta. De serra a serra voa o rouco
Som da inubia, acordando écos e legiões;
Ouriço monstruoso, o sertão, pouco a pouco
Todo se erriça das flexas de cem nações.

VI

Eil-as, as toscas naus de borda rastejante,
A' flor das aguas, naus de estreitos rios quietos;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante,
Para assombros de gloria, o seu vôo de insectos.

Apinhem-se na praia os velhos, derramando
De encarquilhadas mãos inuteis para mais
A bençam dos que já se sentem bruxoleando
Aos que lhes vão tornar os nomes imortais.

Mães, deixai que, sonhando, a vista embevecida
De vossos filhos pouse, e se ilumine, e aprenda
Nessa formosa folha em que o livro da vida
Tem estrofes de poema e proporções de lenda.

Noivas, com os corações envoltos na penumbra
Indeciza do amor que se orgulha e se dóe,
Vinde trazer-lhes vosso olhar de que resumbra
Saudade pelo amante e enlevo pelo heroe.

Ao largo, emfim! Clarins e buzinas atroam.
E as canoas, na luz da manhã cor de rosa,
Pairam por um momento em pleno rio; aproam
Para o sertão. E rompe a marcha vagarosa.

Nos barrancos, até rente d'agua investidos
De filhos a sorrir e de mãis a chorar,
Lancem as frouxas mãos e os olhos comovidos
O derradeiro adeus e o derradeiro olhar

VII

Longe, na solidão do campo undoso e verde,
O rio serpenteia. Em cada contorção
Mais se afasta. E a fugir, pouco a pouco se perde
No magestoso, vago, infinito sertão.

UMA IMPRESSÃO DE D. JUAN

Gastei no amor vinte anos, os melhores
Da minha vida pródiga: esbanjei-os
Sem remorso nem pena, em galanteios,
Colhendo beijos, desfolhando flores.

Quentes olhares de olhos tentadores,
Suspiros de paixão, arfar de seios,
— Conheci-os, buscaram-me, gosei-os.
Li folha a folha o livro dos amores.

Quanta lembrança de mulher amada,
Quanta ternura de alma carinhosa,
Sim, quanto amor que me passou na vida!

E nada sei do amor Não, não sei nada,
E cada rosto de mulher formosa
Dá-me a impressão de folha inda não lida.

A TERNURA DO MAR

No firmamento azul, cheio de estrelas de ouro
la boiando a lua indiferente e fria.
De penhasco em penhasco e de estouro em estouro,
Em baixo, o mar dizia :

« Lua, só meu amor é fiel tempo em fóra.
Muda o ceu, que se alegra á madrugada, e pelas
Sombras do entardecer todo entristece, e chora
Marejado de estrelas;

Ora em pompas, a terra, ora desfeita e nua
— Como a folha que vai arrastada na briza —
Aos caprichos do tempo inconstante fluctua
Indecisa, indecisa.

Desfolha-se, encanece em musgos, aos rigores
Do ceu mostra a nudez dos seus galhos mesquinhos,
A arvore que viçou toda folhas e flores,
Toda aromas e ninhos ;

Coleras de tufão, pompas de primavera,
Ceu que em sombras se esvai, terra que se desnuda,
A tudo o tempo alcança, e a tudo o tempo altera ...
-- Só meu amor não muda !

Ha mil annos que eu vivo a terra suprimindo:
Hei de romper-lhe a crôsta e cavar-lhe as entranhas,
Dentro de vagalhões penhascos submergindo,
Submergindo montanhas.

Hei de alcançar-te um dia... Embalde nos separa
A largura da terra e o fraguado dos montes.
Hei de chegar ahi de onde vens nua e clara
Subindo os horizontes.

Um passo para ti cada dia entezouro,
Ha de ter fim o espaço, e o meu amor caminha..
Dona do ceu azul e das estrelas de ouro,
Um dia serás minha !

E serei teu escravo. A' noute, pela calma
Rendilharei de espuma o teu berço de areias,
E ha de embalar teu somno e acalentar tua alma
O canto das sereias.

Quando a aurora romper no ceu despovoado,
Tezouros a teus pés estenderei, de rastros.
Ser amante do mar vale mais, sonho amado,
Que ser dona dos astros.

Deliciando-te o olhar, afagando-te a vista,
Todo me tingirei de mil cores cambiantes,
E abrir-se-á de meu seio a brancura imprevista
Das ondas arquejantes.

Levar-te-ei de onda em onda a vagar de ilha em ilha,
Tranquilas solidões, ermas como atalaias,
Onde o marulho canta e a salsugem polvilha
A alva nudez das praias.

Ao longe, de repente assomando e fugindo,
Alguma vela, ao sol, verás, alva de neve:
Teus olhos sonharão enlevados, seguindo
Seu vôo claro e leve;

Sonharão, na delicia indefinida e vaga
De sentir-se levar sem destino, um momento,
Para alem. para alem. nos balanços da vaga,
Nos acasos do vento.

Far-te-ei ver o paiz, nunca visto, da sombra,
Onde cascos de naus arrombadas, a espaços
Dormem o ultimo somno estendidos na alfombra
De algas e de sargaços.

Opulentos galeões, pelas junturas rotas,
Vertem ouro, trofeus inuteis, vis monturos,
Que foram conquistar ás praias mais remotas,
Pelos parceiros mais duros.

Flámula ao vento, prôa em rumo ao largo, velas
Desfraldadas, varando ermos desconhecidos,
Rudes ondas, tufões brutaes, turvas procelas,
Sombra, fuzis, bramidos,

Todo o estranho pavor das aguas afrontando,
Altivos como reis e leves como plumas,
Iam de golfo em golfo, em triunfo arrastando
Uma esteira de espumas.

Eil-os, carcassas vis d'onde o ouro em vão supura,
Esqueletos de heroes. dei-os em pasto á fome
Silenciosa e subtil da multidão obscura,
Dos moluscos sem nome.

Essa extranha região nunca vista, has de vel-a,
Onde, numa bizarra exuberancia, a flora
Rebenta pelo chão perolas côr de estrela
E conchas côr de aurora ;

Onde o humilde infuzorio aspira ás maravilhas
Da gloria, sonha o sol, e, dos grotões mais fundos
De meu seio, levanta a pouco e pouco as ilhas,
Archipelagos, mundos.

Lua, eu sou a paixão, eu sou a vida. . Eu te amo,
Paira, longe, no ceu, desdenhosa rainha !.
Que importa ? O tempo é vasto, e tu, bem que reclamo!
Um dia serás minha !

Embalde nos afastae embalde nos separa
A largura da terra e o fraguedo dos montes:
Hei de chegar ahí de onde vens, nua e clara
Subindo os horizontes. . .»

Na quietação da noute apenas tumultua
Quebrada de onda em onda a voz brusca do mar:
Corta o silencio, agita o socego, fluctua,
- E espalha-se no luar

ROSA, ROSA DE AMOR...

*Rosa, rosa de amor purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da câmpa?*

GARRET.

I

OLHOS VERDES

Olhos encantados, olhos cor do mar
Olhos pensativos que fazeis sonhar!

Que formosas cousas, quantas maravilhas
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo:
Córtes pitorescos de afastadas ilhas
Abanando no ar seus coqueirais em flor,
Solidões tranquilas feitas para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor.

Olhos pensativos que falais de amor!

Vem caindo a noute, vai subindo a lua.
O horizonte, como para recebê-las,
De uma fimbria de ouro todo se debruça;
Afla a brisa, cheia de ternura ousada,
Esfrolando as ondas, provocando nelas
Bruscos arrepios de mulher beijada.

Olhos tentadores da mulher amada!

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento;
Eil-a que mergulha pela noute vasta,
Pela vasta noute feita de luar;
Eil-a que mergulha pelo firmamento
Desdobrada ao longe nos confins do mar

Olhos scismadores que fazeis scismar!

Branca vela errante, branca vela errante,
Como a noute é clara! como o ceu é lindo!
Leva-me contigo pelo mar Adeante!
Leva-me contigo até mais longe, a essa
Fimbria do horizonte onde te vais sumindo
E onde acaba o mar e de onde o ceu começa.

Olhos abençoados, cheios de promessa!

Olhos pensativos que fazeis sonhar,
Olhos cor do mar!

II

MANHÃ DE SOL

Na sombra do murtal, cujas flores a leve
Aragem desgrinalda em turbilhões de neve,
Ela vagueia a sós. E como vai formosa!
Tem como uma frescura orvalhada de rosa
Na face... Em seu sorriso amanhece. E' tão brando
O seu pisar, que o chão o acolhe suspirando.
– Eis o sol! – canta uma ave ao fitar-lhe a retina...
E por onde ela passa a sombra se ilumina.

Descuidada e feliz, entre as arvores ela
Erra á toa. Sorrindo, as aves interpela.
Corre de flor em flor, salta de mouta em mouta.
Ora entre a ramaria o olhar travesso afouta

E tenta surprehender o segredo de um ninho;
Ora scisma, fitando o vago desalinho
Em que toda palpita, em que se entrega toda,
A folhagem que o vento acaricia. Em roda,
Em tudo, vê um ar festivo de noivado.
Cada flor abre ao sol o calice orvalhado,
Humido como um labio em que pousasse um beijo..

E o seu passo é subtil, e erra como um adejo.

Surprehendo-a. Ela estaca, assustada, indecisa;
Mal com os pésinhos nus o chão musgoso piza
Num ar de juriti prestes a abrir o vôo.
Tomo-lhe as mãos; baixinho, ao seu ouvido, então
A atrevida canção do amor que tudo pede,
Do amor que não é mais do que um furor de sede,
Que é o amor afinal.

Toda a sua alma escuta,
Todo o seu corpo treme. Amante e irresoluta,
Quer ceder, e resiste; abraza, e não se atreve.
E de subito, como a corça arisca e leve
Que sente o caçador e ouve silvar a bala,
Ela das minhas mãos bruscamente resvala,
Salta, foge-me.

Em vão. Salto-lhe empós; não tomba
Mais faminto um abutre em cima de uma pomba.
Ela, sem rumo, vai e erra ao acaso, numa
Vaga trepidação, como ao vento uma pluma.
E o seu passo recorta o chão, que abaixa e alteia
Aqui um charco, adiante um cómorro de areia.

Aos poucos, a carreira afrouxa. Em cada passo
Mais e mais ela mostra a angustia do cansaço,
Arfa-lhe o seio; perde o folego; tropeça;
Pára.

Alcança-a meu beijo. O noivado começa.

III

HORAS DE AMOR

Só vivo as horas que passo
Junto de ti, meu amor,
Tua cintura em meu braço,
Meu beijo em tua boca em flor.

Só assim vivo, querida,
Pois tudo mais não é vida.

Ventura que mal goteja,
Triste do amor que se esconde,
E só acha de onde em onde
Um acaso que o proteja;

Só alcanço o teu carinho
Nesta sombra de folhagem,
Onde, como ave selvagem,
Nosso amor tem o seu ninho.

Por entre as moutas vagueio,
Caminho, páro, indeciso.
Virás ou não? E agoniso
Entre a esperança e o receio.

Por toda a floresta, cheia
De um rumor vago e perdido,
Cuido escutar o ruído
Dos teus pésinhos na areia.

Volto-me sobresaltado
Só porque uma ave deteve
O vôo, e um ramo, de leve,
Estremeceu ao meu lado.

E enquanto na sombra curto
Essa impaciência hesitante
Por ternuras de um instante,
Por beijos dados a furto,

Cheio de inveja reparo
Nas borboletas que em bando
Passam felizes, amando
Na plena luz do sol claro.

Ventura que mal goteja,
Triste do amor que se esconde,
E só acha de onde em onde
Um acaso que o proteja.

Amor que a sombra encarcera,
E foge ao sol e ás estradas
Fossemos nós de mãos dadas
Pela vida e a primavera!

De subito, ouço teus passos:
De entre folhagens de arbusto
Olhas, tremula de susto,
Cais palpitante em meus braços.

E como a cançada abelha
Que suga a flor, e adormece,
Meu beijo pousa, e se esquece
Em tua boca vermelha.

Logro só de espaço a espaço
Algum momento de amor,
Tua cintura em meu braço,
Meu beijo em tua boca em flor.

Ai, eu só vivo querida,
Pedaços da minha vida.

IV

PRIMEIRA SOMBRA

— Mal me quer bem me quer.

— Será preciso

Que uma flor assegure o que digo e tu vês?

O meu olhar, pousando em teu sorriso,
Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.

— Mal me quer. bem me quer

— E, comovida,

Tremes, como esperando uma sentença atroz.

Supões que espalhe a noute em nossa vida
A sombra de uma flor perpassando entre nós?

— Mal me quer... Mal me quer... Desde hontem, quando
Faltaste, adivinhei tudo que a flor me diz.
Tenho-te junto a mim e fito-te chorando;
Beijas-me ainda, e já não sou feliz.

Dize que estou sonhando, que estou louca!
Jura que sou feliz, que os teus dias são meus,
E que o beijo que ainda orvalha minha boca
Não é tua alma que me diz adeus.

A amorosa doçura do teu verso
Ecoou em minha alma; em teu verso aprendi
A soletrar o amor, o Amor — esse universo
Radioso, imenso, e resumido em ti.

A tua voz chamou-me; eu escutei-a
E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar
Fala-me ainda de amor! Não te cales, sereia
Que me atraiste para o azul do mar!

Minha alma, envolta em trapos de mendiga,
Vai seguindo, no chão, do teu passo o rumor.
Não me deixes! Serei a sombra que te siga,
Sem indagar onde me leva o amor.

Não me abandones! Ama-me! A risonha
Aurora inunda o ceu todo afogado em luz.
Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me! Sonha,
Pousada a fronte nos meus seios nus!

Que alegre madrugada cor de rosa,
Ser amada por ti, claro sol que tu és!
Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, gosa
Toda esta primavera estendida a teus pés.

Bem amado que, como um passaro num ramo,
Vieste acaso pousar o vôo no meu seio,
Não me deixes! Eu quero ouvir ainda o gorgoeio
Em que teu beijo é que dizia: «Eu te amo!»

V

CAIR DAS FOLHAS

« Deixa-me, fonte! » Dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flor.

« Deixa-me, deixa-me, fonte! »
Dizia a flor a chorar:
« Eu fui nascida no monte.
« Não me leves para o mar. »

E a fonte, rápida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flor.

« Ai, balanços do meu galho,
« Balanços do berço meu;
« Ai, claras gotas de orvalho
« Caídas do azul do ceu! »

Chorava a flor, e gemia,
Branca, branca de terror,
E a fonte sonora e fria,
Rolava, levando a flor.

« Adeus, sombra das ramadas,
« Cantigas do rouxinol;
« Ai, festa das madrugadas,
« Doçuras do pôr do sol;

« Carícia das brisas leves
« Que abrem rasgões de luar
« Fonte, fonte, não me leves,
« Não me leves para o mar! »

As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flor

VI

DESILUDIDA

Sou como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da água distante.

Bem sei que já me não ama,
E sigo, amorosa e aflicta,
Essa voz que não me chama,
Esse olhar que não me fita.

Bem reconheço a loucura
Deste amor abandonado
Que se abre em flor, e procura
Viver de um sonho acabado;

E é como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da água distante:

Só, perdido no deserto,
Segue empós do seu carinho;
Vai-se arrastando. e vai certo
Que morre pelo caminho.

VII

SAUDADE

Belos amores perdidos,
Muito fiz eu com perder-vos;
Deixar-vos, sim: esquecer-vos
Fôra de mais, não o fiz.

Tudo se arranca do seio,
— Amor, desejo, esperança.
Só não se arranca a lembrança
De quando se foi feliz.

Roseira cheia de rosas,
Roseira cheia de espinhos,
Que eu deixei pelos caminhos,
Aberta em flor, e parti:

Por me não perder, perdi-te;
Mas mal posso assegurar-me
— Com te perder e ganhar-me,
Si ganhei, ou si perdi.

VIII

SERENATA

Pela vasta noute indolente
Voga um perfume estranho.
Eu sonho. E aspiro o vago aroma ausente
Do teu cabelo castanho.

Pela vasta noute tranquila
Pairam, longe, as estrelas.
Eu sonho. O teu olhar tambem scintila
Assim, tão longe como elas.

Pela vasta-noute povoada
De rumores e arquejos
Eu sonho. E' tua voz, entrecortada
De suspiros e de beijos.

Pela vasta noute sem termo,
Que deserto sombrio!
Eu sonho. Inda é mais triste, inda é mais ermo
O nosso leito vazio.

Pela vasta noute que finda
Sóbe o dia risonho.
E eu cerro os olhos para ver-te ainda,
Ainda e sempre, em meu sonho.

IX

O DIA SEGUINTE DO AMOR

Aves fugidias que passais em bando
Pelo azul da tarde sobre o azul do mar,
Aves fugidias que passais cantando,
Que fazeis? Passar.

De repente surgis. No vasto ceu
Um turbilhão de alvura de repente cresce;
Passa, afasta-se, e ao longe, e como apareceu
Desaparece.

Brancura macia de plumas, rumor leve
De azas que rufam devagar,
Passais como flocos de neve
Que sussurram no vento e se desfazem no ar.

De tudo isso que resta? Um quasi nada: apenas
Em meu olhar distraído
A vaga impressão de uma alvura de penas,
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido.

Sonhos de amor, perfumados
Do aroma da flor da laranjeira,
Botões de rosa desabrochados
Em goivos, desfeitos na lama e na poeira;

Sonhos do olhar namorado
Ao descobrir, como um triunfador,
Todo enlevado, todo enlevado,
Que uns seios de marmore arquejam de amor;

Sonhos do ouvido, escutando
O ingenuo amor que se revela enfim
Involuntariamente, quando
Em frases que negam a voz diz que sim;

Sabor do primeiro beijo
Que mal pausa, medroso, leve, leve,
Num rosto virgem onde o pejo
Semeia de rosas brancuras de neve;

Sonhos de amor, sois como a rosa
Que, nem bem colhida,
Perde a frescura que a tornou formosa,
Perde o perfume que a tornou querida.

Primavera vivída

De amar e ser amado aos vinte anos em flor,
Entrada triunfal do coração na vida,
Amor, amor, amor!

Rapida travessia

De um mar azul, rasgado entre rochedos nus
Nos quaes se ignora o amor, ou a alma se enfastia...
Região lavada em luz

Entre esses dous extremos
Tão proximos — o olhar que ainda não sabe ver
E o que vê — triste fim dos encantos supremos! —
O que vale a mulher;

Miragens do desejo, enlevos da esperança,
Só é feliz o amor que espera e não alcança.

Infinita doçura, inegalavel cousa,
Contacto delicioso, inefavel pressão
Da mão amada quando encontra a nossa mão
E, brandamente, e como achando um ninho, pousa;

O' labios da mulher palpitantes de amor,
O' labios que humidece o orvalho do desejo,
Doces labios servis onde abotôa o beijo,
Prestes a se deixar colher como uma flor;

O' seios brancos onde a paixão, a ofegar,
Chama a paixão, atrái a carne, acena ao goso;
O' seios brancos onde uns olhos de amoroso
Vêm reflexos do ceu na ondulação do mar;

Encantos da mulher amada ; comovidos
Deslumbramentos ; gosto indizível, sabor
Da unica hora feliz de toda a vida ; amor,
Sonho em que a alma é que sente o goso dos sentidos ;

No coração que de vós se alvoroça
Resplandeceis, miragens, enganos,
De uma luz que não é vossa.
Que é só dos nossos vinte anos.

Tremulas maretas que passais boiando
Pela flor das ondas nos parciais do mar;
Tremulas maretas que alvejais cantando,
Que fazeis? Passar.

De repente surgis... No mar sem fim
Um turbilhão de alvura de repente cresce;
Passa; afasta-se; e como apareceu, assim
Desaparece.

Brancura brilhante de espumas, sons velados
Da agua no açude de um pomar,
Passais, desfeitos, desmanchados
Na tristeza sonora das ondas do mar.

De tudo isso que resta ? Ai! Quasi cousa alguma :
Em meu olhar distraído
A vaga impressão de alguns flocos de espuma
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido...

X

ULTIMA CONFIDENCIA

- E si acaso voltar ? Que hei de dizer-lhe, quando
Me perguntar por ti ?
- Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando .
Nessa tarde parti.
- Si arrependido e ancioso ele indagar: « Para onde?
Por onde a buscarei ? »
- Dize-lhe: « Para além... para longe... » Responde
Como eu mesma: « Não sei. »

Ai, é tão vasta a noite! A meia luz do ocaso
Desmaia. Anouteceu.
Onde vou? Nem eu sei. Irei seguindo ao acaso
Até achar o céu.

Eu cheguei a supôr que possível me fosse
Ser amada — e viver.
E' tão fácil a morte. Ai, seria tão doce
Ser amada. e morrer !.

Ouve : conta-lhe tu que eu chorava, partindo,
As lagrimas que vês.
Só conheci do amor que imaginei tão lindo,
O mal que ele me fez.

Narra-lhe transe a transe a dor que me consome..
Nem houve nunca igual!
Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome
No soluço final!

Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a boca
Que o seu beijo não quiz :
Gólfame em sangue, vês? E eu, murmurando-o, louca !
Sinto-me tão feliz !

Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quasi o odeio,
Ocultá-lh'o! Senhor,
Eu morro!... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o
Até morrer de amor.

NOTAS

(A)

Incluiu-se neste livro o poemeto *Rosa, rosa de amor...* de que a Livraria Laemmert deu em 1902 uma edição, hoje exgotada. O mais do presente volume compõe-se de poesias esparsas, escriptas em diferentes épocas, ás vezes com largos intervalos; nele enfeixou o autor o que, no ponto de vista puramente estético, lhe pareceu menos mau em sua resumida produção poetica dos ultimos vinte anos. Os *Poemas e Canções* não são, pois, um livro que o autor tivesse feito com intenção de o fazer, mas que, a bem dizer, se fez por si, de certo modo ao acaso. Na escolha das peças aqui reunidas, adoptou o autor, como criterio, preferir as que lhe pareceram exprimir menos mal, isto é, em frase simples e corredia, com imagens sóbrias e mais ou menos claras e fieis, idéas concebidas com logica, sentimentos sinceros, impressões recebidas. A poesia, como sempre ambicionou o autor deste livro realisa-a nos limites ao seu alcance, deve ser, antes de tudo, cousa que se entenda. Si neste livro ha extravagancias aparatosas, quer de idéas abstrusas, quer de sentimentos artificiais, ou de frases complicadas, ou de palavras meramente decorativas, a elas resvalou o autor sem o perceber e a contra-gosto; e disso se penitencia humildemente.

(B)

Adoptaram-se neste livro, com relação á ortografia, algumas das regras formuladas em 1907 pela Academia Brasileira de Letras. Algumas, não todas; porque, sendo sem duvida oportuno encaminhar para uma intelligente simplificação a ortografia portugueza, complicada de pretenções etimologicas sem grande nexa, pareceram, entretanto, prematuras ou incompletas algumas das inovações propostas pela Academia. Entre essas, repugnou ao autor a supressão sistemática das consoantes mudas: porque, não dispondo de fonte a que recorra com segurança para aprender quando uma consoante é realmente muda, ou não, segundo a boa pronuncia; suprimir cada um as consoantes que entenda sem valor—provavelmente redundaria em empregar cada um, para seu uso, uma ortografia pessoal, ou, quando muito, regional. E', por exemplo, sabido que nós brasileiros pronunciamos *recê p ção*, frisando levemente o *p*; e os portuguezes dizem *recêsão*. Como decidir-se, com tal diver-

gencia na pronuncia do mesmo vocabulo, por uma ortografia fonetica desse vocabulo? Ha, sem duvida, inumeras palavras em que o uso tem tornado mudas consoantes que na ortografia de taes palavras apenas figuram por tradição etimologica. Mas, a adoptar o uso como arbitro, arriscava-se muitissimo um autor provinciano, como é o deste livro, a empregar com relação a boa parte de taes palavras uma detestavel ortografia provinciana. A referida regra só poderá ser applicada com segurança depois de contemplada em dicionario da lingua, cuja autoridade faça fé.

Tambem recalcitrou o autor em aceitar a substituição de *ch*, com o som duro de *q*, por *qu*, antes das vogaes *e* e *i*, como em *quelonio*, por *chelonio*, e *quimica*, por *chimica*. Equivaleria isso a trocar uma complicação por outra, sem ganhar cousa que se veja, e perdendo assim sem vantagem o que o uso conquistou. No sentido de uma aproximação fonética, si a grafia *chimica* devia corresponder a pronuncia *ximica*, a grafia *quimica* deve corresponder á pronuncia *q-u-imica*. Entre as duas complicações, não ha razão de escolha; ou antes é preferivel ficarmos com o uso tradicional, que sempre é ficar com alguma cousa. Era sem duvida preferivel, como simplificação, adoptar *ke* e *ki* por *che* ou *chi* com som duro. Despreende-se do que aí fica — que o autor não accitou tambem a eliminação absoluta da letra *k*, condemnada pela Academia; e que prefere continuar a escrever *kilo*, e seus derivados, a mudar para *quilo*, *quilometro*, etc.

Outra regra, que se não impõe como de facil aceitação, é a que prescreve a substituição de *g* por *j* antes de *e* e *i* no meio das palavras; conservando-se, entretanto, o uso corrente, quando o *g* é inicial. De tal feito, prescreve a Academia que se escreva, como até aqui, *genealogia*, e se passe a escrever *ajir*, *legislativo*, *cojitar*. O que parece curial é que, concedendo-se em certos casos ao *g* antes de *e* e *i* a representação do som *je*, *ji*, não se o desaproprie arbitrariamente, em outros casos, dessa representação que o uso lhe tem consagrado; e que, a tirarlh'a, como não seria mal entendido, se lh'a cortasse cerec, simplesmente, para todos os efeitos. Nesse ponto, e com a duvida vnia, a regra da Academia é apenas meia regra. E não é applicavel á hipótese o classico

La parfaite raison fuit toute extrémité.

Nem sempre deixou o autor de empregar o *s* entre duas vogais, com som de *z*. Pensa ele que é a Academia quem aí tem inteira razão; e que o uso do *s* com som de *z* mantém na ortografia da nossa lingua uma complicação bem grande e bem inutil. Mas o habito é uma força a que difficilmente se resiste; e as palavras em que o *s* tem aquella função exhorbitante, mas tradicional, são tão comuns, por numerosas e frequentes, que, no emprego de tais palavras, o autor sentiu quasi sempre a sua vontade arrastada pelo instincto. Instincto da pena, ou instincto dos olhos, ou ambos ajustados. E não lhe pareceu tão importante o caso que merecesse uma atenção determinada. Nesse particular, sem impugnar a regra formulada pela Academia, regra que julga excelente, e que acredita acabará julgando com a colaboração do tempo, não a seguiu com

fidelidade o autor deste livro; mas apenas em raras sortidas, aqui e ali, algum tanto ao acaso. E' claro que isso não tem desculpa que valha; nem o autor se defende com outra que não seja a sua fraqueza confessa.

Quanto ao mais, foram em geral applicadas na ortografia deste livro as prescripções da Academia Brasileira — muitas das quais não se distinguem por inovações, mas eram já adoptadas de escriptores da lingua e recomendadas de gramaticos dela, uns e outros de nota. No que sobretudo o autor se autorizou com a autoridade da Academia foi :

—em abolir o uso das consoantes geminadas, com excepção de *ss* e *rr*, e de *cc* quando, com relação a estas, a primeira sôa com som proprio, como em *sucção*. Nesse ponto, o autor tomou a liberdade de ir um pouquinho alem do que prescreve a Academia, a qual conservou os *ll* nas palavras *ele, ela, aquele, aquella, aquilo*: sem que a excepção feita a tais vocabulos se justifique por algum fundamento plausivel;

—em eliminar o *h* no meio das palavras, escrevendo *tesouro*, e não *thesouro, filosofia*, e não *philosophia, póstumo*, e não *posthumo*, excepto : quando se trata dos grupos *ch, lh, nh*, nos quais o *h* exerce uma função ; ou no caso de palavra composta de outra que tenha o *h* inicial, como *deshonra, deshabitado*.

—em suprimir de todo as letras *y* e *w* nas palavras da lingua;

—em empregar sistematicamente a grafia *ai* e *ãi*, e seus plurais, para os finais de palavras nas quais geralmente se usa *ae* e *ãe* e seus plurais, como *cai, pai, mãi, ideais, quais, normais*, em vez de: *cae, pae, mãe, ideaes, quaes, normaes*; bem assim em preferir sempre o *i* inicial para as palavras que é costume escrever indiferentemente com *i* ou *e*, como *igreja, idade*.

O que fóra de tais regras fôr encontrado no presente livro deve ser levado á conta de erro de revisão. E de erros desses está o livro inçado, seja dito por demais.

(C)

Pag. 9 — *Eu cantarei de amor tão fortemente...*

Este primeiro verso de um dos sonetos do livro é quasi repetição do primeiro verso no II soneto de Camões; mas nisso se resume a semelhança entre as duas composições, como se verificará relendo aqui a do grandissimo poeta :

Eu cantarei de amor tão docemente
Por uns termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que amor a todos avivente
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia, e pena, ausente.

Tambem, senhora, do desprezo houesto
De vossa vista branda e rigorosa
Contentar-me-hei dizendo a menor parte.

Porem para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho, e arte.

(D)

Pag. 35—57 — *Fugindo ao captivo.*

Por volta de 1887, ás vesperas da Abolição, despenhavam-se, em bandos cerrados, verdadeiras avalanches de escravos fugitivos, das fazendas de café no planalto paulista para o quilombo do Jabaquara, á beira do porto de Santos. No Jabaquara estava concentrada e organizada a proteção que toda a cidade, entusiasticamente abolicionista, lhes dispensava. Ali chegadas, eram livres, e estavam em segurança: alguns estabeleciam-se cultivando a terra e vivendo em choças que improvisavam; outros irradiavam pela cidade a ganhar a vida; outros ainda, a custa de subscrições que corriam facilmente, repatriavam-se por mar para a terra natal, quasi sempre em longinquas provincias do Norte, de onde tinham anteriormente vindo vendidos.

Mas era difficil chegar á Terra da Promissão do Jabaquara; inumeras tentativas, as mais dellas talvez, foram mal succedidas, frustadas pela diligencia dos senhores, a quem a força publica dava não forte, e pelos embaraços naturaes do caminho—atravez de sertões, da Serra do Mar, que era preciso vencer evitando as estradas, as habitações, todo o socorro humano. Os bandos, miseraveis e famintos, tinham de marchar á noute e esconder-se de dia. O que ás vezes chegava afinal ao Jabaquara era uma procissão de espectros; e contaram-se por milhares os espectros que la conseguiram chegar, homens, mulheres, crianças...

Num desses bandos, que fugia perseguido, uma negra, exausta e desesperada, atirou ao rio Atibaia o filhinho que trazia nos braços. E' a esse episodio, noticiado comovidamente pela imprensa do tempo, que a segunda parte da poesia se refere—mudando-lhe apenas o scenario e algumas minucias. O outro episodio, com que termina a mesma poesia, é rigorosamente historico. Passou-se na terra de Paranaipiacaba tambem conhecida por Serra de Santos—trecho conhecidissimo da Serra do Mar. Um magote de escravos fugitivos foi alcançado pela escolta que o perseguia. Era num desfiladeiro. Enquanto os companheiros se salvavam dispersando-se na floresta virgem, um do bando, moço e atletico, armado de fouce, fez frente aos soldados vedando-lhes a passagem, matou um deles, feriu outros, e morreu combatendo. A autopsia revelou que ele não ingerira alimento algum havia tres dias. Chamava-se Pio esse Leonidas maltrapilho e esquiccido de uma obscura raça que não teve historiadores nem poetas.

(E)

Pag. 50. — O ouro leve do sol bubuia á toa...

No seu *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*, o Visconde de Beaurepaire Rohan, citando Couto de Magalhães e José Verissimo, dá o verbo *bubuiar*, de origem tupi-guarani, como significando—*fluctuar no sentido da corrente*. Tem, como se vê, significação mais complexa do que o comum *boiar*; e ao autor pareceu mais expressivo do que seria este ultimo para indicar o movimento das manchas do sol mosqueando a ondulação da relva—pelas abertas da floresta sacudida da aragem.

(F)

Pag. 52. — *Alcateia usurpando a fórma e a face humana...*

Apezar de ser de uso vulgarissimo em classicos da lingua, e liberdade aceita de boa cara pelos mais carrancudos gramaticos, não ousaria talvez o autor fazer, como nesse verso fez, concordar com um só o adjectivo que qualifica dous substantivos, si não se sentisse apoiado nisso pelo exemplo de Camões no Cant. I estrofe LXXVII dos *Lusiadas*:

Onde vestindo a fórma e gesto humano.

(G)

Pag. 91. — Sonho póstumo.

O autor não está bem certo de que a um poeta corra obrigação rigorosa de justificar as concepções da sua fantasia. Seja como for, apraz-lhe citar em abono da concepção geral da poesia *Sonho Póstumo* — que a alguns talvez pareça extravagante—palavras de um dos grandes mestres da sciencia contemporanea. Na sua obra *Lettres d'un voyageur dans l'Inde*, (trad. franceza de Ch. Letourneau, 1883) tratando dos ritos funerarios dos Pársis de Bombaim — que entregam os cadaveres dos seus á decomposição no ar livre, «sobre um dos pontos mais elevados e mais lindos da crista rochosa de Malabar-Hill, deante de um paorama esplendido, num jardim coalhado de esbeltas palmeiras e luxuriantes plantas tropicaes em flor» — escreve Ernesto Hækel, á pag. 68 :

«Ce mode de sepulture semble revoltant à la plupart des Européens, et, dès l'antiquité classique, on considerait comme le plus grand des outrages de livrer un cadavre en pâture aux vautours. Mais, aux yeux du zoologiste, habitué à scruter les phénomènes, il semble plus poétique, plus conforme même à l'esthétique, de voir un corps bien aimé dépecé en quelques instants par le bec puissant des oiseaux de proie que de le voir abandonné à ce lent phénomène de décomposition, à ces rebutantes mor-

sures de vers, qui font du mode de sepulture de nos peuples civilisés quelque chose de si terrible, de si dégoûtant, et de si contraire aux lois de l'hygiène... Mais que ne peut faire adopter le doux effort de l'habitude, ce levier si puissant de l'adaptation ! »

(H)

Pag. 112.

Alma apenas capaz de adejar fugidiva
Em vãos leves de uma aza de beija-flor,
E obrigada a pairar nas regiões da Justiça,
Como um corvo que sobe ao ceu todo esplendor
Para do alto melhor lobrigar a carniça...

Estes versos foram escriptos em 1904 ou 1905, antes de o autor ser magistrado, que hoje é, e quando exercia a profissão de advogado. A observação convem talvez, ainda que menos necessariamente, á estrofe que na mesma poesia figura á pag. 114 :

Na solidão do mato, esqueço, ignoro—em suma :
Sou feliz. Dou suéto a esta alma de aluguel
Que vive de auto em auto a desfazer-se em espuma ;
E, livre do canudo atroz de bacharel,
Passo orgulhosamente a ser cousa nenhuma.

INDICE

	PAG.
Antes dos versos .	1
Velho tema	7
Fantazias do luar .	21
A invenção do Diabo	29
Fugindo ao captivo	35
Cantigas praianas .	61
Pequenino morto	75
Palavras ao mar	83
Sonho póstumo	91
Carta a V. S.	109
Sugestões do Crepusculo .	119
Folha solta	121
A partida da Monção	135
Uma impressão de D. Juan	151
A ternura do mar	155
Rosa, rosa de amor :	
<i>Olhos verdes</i>	165
<i>Manhã de sol .</i>	169
<i>Horas de amor</i>	175
<i>Primeira sombra</i>	181
<i>Cair das folhas</i>	187
<i>Desiludida .</i>	193
<i>Saudade</i>	197
<i>Serenata</i>	201
<i>O dia seguinte do amor</i>	205
<i>Ultima confidencia</i>	217
Notas.	

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).